

O FALAR CAIÇARA DA ILHA DOS BÚZIOS

por

Maria Rosa Trigo Wiikmann

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Es-
tadual de Campinas como re-
quisito parcial para a ob-
tenção do grau de Mestre em
Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Maurício Gnerre

Campinas, outubro de 1983.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Agradecimentos

Ao Prof. Maurício Gnerre, que sem medir esforços e com muita dedicação, acolheu-me como sua orientanda. Por seu incentivo, empenho e amizade, o meu sincero muito obrigada.

Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo de excelentes profissionais e grandes amigos. Notadamente o professor Luiz Carlos Cagliari, que muito contribuiu para que este trabalho fosse realizado, orientando-me principalmente quanto à transcrição fonética dos dados. A ele, o meu carinho todo especial.

À Ilhabela, na pessoa de seu prefeito, Gilson Tangerino Francisconi.

Ao povo buziano.

O FALAR CAIÇARA DA ILHA DOS BÚZIOS

Resumo

Visando a um trabalho de cunho dialetológico sobre um falar "caiçara" do litoral paulista, dos moradores entrevistados, foram selecionados 25 informantes nativos da ilha, durante 10 visitas realizadas entre 1979 e 1981.

A escolha dos informantes foi baseada numa perspectiva de tipo sociolinguístico que levasse em conta a variação de sexo e idade.

Um dos aspectos marcantes da situação linguística da Ilha é o grau de variação presente em alguns aspectos da fonologia do falar.

Acreditamos que a característica mais saliente do falar caiçara seja a presença, quase constante, de um traço suprasegmental de palatização, entendido como propriedade de qualidade de voz desses falantes. Esta característica é marcante na fala de alguns buzianos e quase que totalmente ausente na fala de outros. Até o presente não conseguimos individuar nenhuma variável social em relação à intensidade ou à ausência desse traço de palatização.

Apesar da escolha para iniciar o presente trabalho ter recaído sobre o levantamento fonético, uma vez que esses fenômenos me pareceram mais expressivos para a delimitação das fronteiras dialetais, também foram tomados em conta os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos.

Maria Rosa Trigo Wiikmann
Orientador: Maurício Gnerre

Aos meus filhos
Christian e Vivian

Para Nelson, por seu entusiasmo,
apoio e compreensão.

A vocês, de quem roubei tan-
tas horas, a minha gratidão.

São naturalmente homens de compleição robusta, vigorosos e ágeis, afeiçoados aos perigos que afrontam todos os dias...

O mar tem-lhes sido uma escola de força e de coragem - sendo natural que a ele devam as únicas tradições locais que de certo modo se prendem a uma fase da nossa história.

Euclides da Cunha - Ilha de Búzios.

O FALAR CAIÇARA DA ILHA DOS BÚZIOS

I	- INTRODUÇÃO	1
II	- INFORMAÇÕES SOBRE O POVO CAIÇARA EM GERAL.	6
	a) A Região	7
	b) O Homem	8
	Notas	11
III	- A COLETA DE DADOS	12
	Notas	17
IV	- INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ILHA DOS BÚZIOS E SEUS HABITANTES	18
	1. A situação geográfica da Ilha dos Búzios	19
	2. Um pouco da história da Ilha dos Búzios	21
	3. A Etnia do Povo	23
	4. A Comunidade: As Três Seções da Ilha. Padrões de Comportamento. Organização Político Social. Condições de Saúde....	24
	5. O Declínio das Práticas Cristãs.....	29
	6. A Família	30
	7. O Regime de Trabalho	31
	8. A Agricultura	33
	9. A pesca	34
	10. A caça	35
	11. A Alimentação	36
	Notas	38
V	- ASPECTOS FONÉTICOS	40
	a) Características do Falar Buziano encon- tradas em outros falares paulistas	43
	b) Características que consideramos especí- ficas do português caiçara dos Búzios...	54
	c) A Variação Interna	60
	Notas	65
VI	- ASPECTOS MORFO-SINTÁTICOS	70
	Notas	81
VII	- ASPECTOS LEXICOLÓGICOS	83
	Notas	107

VIII - CONCLUSÃO	109
XI - BIBLIOGRAFIA	112
ANEXOS:.....	117
1 - Mapa da Ilha dos Búzios	118
2 - Mapa da Ilha dos Búzios e sua relações com o continente e as ilhas vizinhas..	119
3 - Questionário	120
4 - Lista dos informantes	121
5 - Quadro de informantes	122
6 - Transcrição da Entrevista com: A.O. (1), F.C. (4) e L.C. (8)	123
7 - Fotografias	146

LISTA DOS SÍMBOLOS FONÉTICOS

<u>SÍMBOLO</u>	<u>DESCRIÇÃO</u>
p	oclusiva bilabial surda
b	oclusiva bilabial sonora
t	oclusiva dental surda
d	oclusiva dental sonora
k	oclusiva velar surda
g	oclusiva velar sonora
t ^j	oclusiva dental surda palati <u>z</u> ada
d ^j	oclusiva dental sonora pala <u>tiz</u> ada
m	nasal bilabial
n	nasal dental
ɲ	nasal palatal
ɳ	nasal homorgânica muito bre <u>ve</u>
f	fricativa labiodental surda
v	fricativa labiodental sonora
s	fricativa alveolar surda
z	fricativa alveolar sonora
ʃ	fricativa palatoalveolar sur <u>da</u>
ʒ	fricativa palatoalveolar so <u>no</u> ra
x	fricativa velar surda
l	lateral alveolar sonora
ɭ	lateral palatal sonora
ɮ	"tap" sonoro
a	vogal central aberta, oral
i	vogal anterior, fechada oral
e	vogal anterior, meio-fechada-oral
ɛ	vogal anterior, meio-aberta, oral

LISTA DOS SÍMBOLOS FONÉTICOS

<u>SÍMBOLO</u>	<u>DESCRIÇÃO</u>
ɔ	vogal posterior, meio-aberta, oral
o	vogal posterior, meio-fechada, oral
u	vogal posterior, fechada, oral
ĩ	vogal anterior fechada, nasalizada
ẽ	vogal anterior, meio-fechada, nasalizada
õ	vogal posterior, meio-fechada nasalizada
ũ	vogal posterior fechada, nasalizada
ã	vogal central aberta nasalizada
ā	vogal central, meio-aberta, nasalizada

I - INTRODUÇÃO

I - INTRODUÇÃO

Escolhemos observar o falar caiçara do Litoral Norte, mais especificamente da Ilha dos Búzios, que devido à própria localização geográfica, isto é, por se tratar de uma ilha de difícil acesso, apresenta características lingüísticas específicas.

Procuramos, em nosso trabalho, estudar a língua não dissociada do contexto da cultura e da sociedade, preocupando-nos com as variações do sistema lingüístico, empenhando-nos na tentativa de descobrir a covariação sistemática entre a estrutura lingüística e as variações causadas pela situação geográfica da comunidade.

Acreditamos que, com a evolução crescente da tecnologia e a difusão dos padrões culturais dos centros irradiadores, através da cultura de massa, com a maior penetração do rádio, haja interesse e urgência em uma recolha de material lingüístico em termos sistemáticos e objetivos, ante o desaparecimento gradativo dos regionalismos e o processo de nivelamento da linguagem, tendo em vista os padrões urbanos, atração constante que a cidade exerce principalmente no jovem de comunidades menores.

John Lyon (1972, p.98), falando a respeito de comunidades pequenas e isoladas, comenta o seguinte a respeito do seu problema lingüístico:

"... muitas dessas línguas eram faladas por pouquíssimas pessoas e estavam em vias de desaparecimento. A não ser que fossem registradas e descritas antes que tal acontecesse, tornar-se-iam para sempre inacessíveis à investigação. Os gramáticos tradicionais - preocupavam-se mais ou menos exclusivamente com a linguagem padrão - a linguagem literária, e em geral negligenciaram, ou condenaram como "incorreto", o uso mais informal ou coloquial da linguagem, tanto falada como escrita. Além disso, muitas vezes não se aperceberam de que a linguagem padrão não é, de um ponto de vista histórico, mais do que o dialeto regional ou social que adquiriu prestígio e se tornou o instrumento da administração da educação e da literatura".

Gladstone Chaves de Melo, (1975, p.95), comenta a falta de estudo da fala popular no Brasil e diz:

"Aliás, é esta a nossa grande carência: falta de pesquisa. Para os falares do interior temos alguma coisa, embora muito pouca e muito imperfeita, mas para o litoral, nada".

Com efeito, no Brasil, os trabalhos sobre este assunto são raros. Somente temos conhecimento de "O Léxico do Falar Caiçara de Ubatumirim", de Olympio Corrêa de Mendonça e "Le Lexique Technique des Pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)", de José Luiz da Veiga Mercer.

Amadeu Amaral, no seu ensaio sobre "O Dialeto Caipira", faz referência à linguagem falada no litoral norte do Estado de São Paulo e diz:

"O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matriz dialetal - O Litoral, o chamado "Norte", o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro".

Já há algum tempo que possuíamos contatos frequentes com os caiçaras da região de Ilhabela, São Sebastião, Ubatuba e Caraguatatuba, e estávamos fortemente inclinados a pesquisar o seu falar tão peculiar. Foi quando, através do livro de Emilio Willems, "Buzios Island", escrito em 1947, e do relatório que Euclides da Cunha escreveu em 1902 sobre a Ilha e sua população, tomamos conhecimento da existência de uma comunidade de caiçaras bem mais afastada, e bastante desconhecida, ou seja a comunidade de caiçara da Ilha dos Búzios. Decidimos então optar por esta área para realizarmos um inquérito na sua comunidade lingüística.

Foi a partir destes dois trabalhos que tentamos reconstruir a história recente da comunidade, uma vez que não conseguimos encontrar mais nenhuma referência bibliográfica. Lamentamos a falta principalmente de dados históricos sobre a ilha.

Labov, nos seus primeiros trabalhos de dialeto

logia social, levados a efeito na ilha de Martha's Vineyard, em face dos problemas de variação fonética numa comunidade, não pôde explicar o fenômeno senão por referência à história econômico-social dessa comunidade (J.B. Marcellessi-B.Gardin 1975, p.135).

Realmente, dentro do vasto território nacional a língua falada pelo povo sofre variações oriundas de fatores diversos: geográficos, étnicos, sociais, etc. Os estudos de geografia lingüística vieram demonstrar, como diz Saussure que "na diversificação dos idiomas agem fatores geográficos de par com fatores sociais, em função do tempo".

Lá chegando, ficamos admirados com o que encontramos: uma ilha que apesar da relativa aproximação geográfica com a Ilhabela, permanece quase que completamente isolada do resto do mundo, e um povo possuidor de uma cultura com valores bem diversos daqueles com os quais estou acostumada a conviver, com um incrível nível de conhecimento da natureza, e uma linguagem com características peculiares que a diferencia de outros falares do português brasileiro, incluindo os falares caiçaras conhecidos.

Na minha vivência com os moradores conheci o estilo de vida deles e as suas necessidades. Eles não possuem assistência médica nem para os casos de emergência. Talvez o problema maior seja a falta de uma condução à disposição de todos. Uma barca que possa ser usada em maiores condições de segurança das que oferecem as pequenas canoas que eles possuem.

Acredito que se a Ilha não sofrer nenhum processo de loteamento ou de especulação imobiliária e de invasão turística, a comunidade de lá será capaz de sobreviver como sobreviveu durante séculos, numa economia baseada na mandioca e no peixe, a qual não passa do nível de simples subsistência. As atividades comerciais são reduzidas e praticadas por uns poucos moradores.

Desde 1979 visitamos periodicamente a Ilha dos Búzios, e sempre que possível permanecemos alguns dias lá, recolhendo material para o nosso trabalho, no qual a ênfase

estã no levantamento de dados e documentos e na exploração geral do fenômeno lingüístico em função da comunidade da ilha, a qual além de ter uma paisagem muito bonita, é habitada por um povo muito acolhedor.

A análise lingüística, por sua vez, fica restrita às peculiaridades mais gerais da fala dos buzianos, às vezes comparada com a fala de outras variantes do português ou até mesmo com a norma culta urbana.

Um dos aspectos marcantes da situação lingüística da ilha é o grau de variação presente em alguns aspectos da fonologia e a qualidade de voz palatizada, que se caracteriza por deixar bem claro auditivamente a presença de um glide palatal entre as consoantes e as vogais.

Quanto à forma das transcrições, somente no capítulo V - Aspectos Fonéticos, fazemos uso da transcrição fonética, enquanto que para o corpo do trabalho as mesmas são feitas de acordo com a grafia corrente do português. Para os documentos, entrevistas e abonação das palavras no capítulo VII - Aspectos Lexicológicos, a transcrição foi realizada o mais próximo possível da forma ortográfica das palavras, as diferenças anotadas foram feitas com o intuito de chamar a atenção somente para algumas peculiaridades da fala dos entrevistados.

II - INFORMAÇÕES SOBRE O PO-
VO CAIÇARA EM GERAL

II - INFORMAÇÕES SOBRE O POVO CAIÇARA EM GERAL

Graças às informações obtidas através da leitura de artigos em jornais, do livro "O Folclore do Litoral Norte de São Paulo", de Rossini Tavares de Lima, da Monografia a respeito do genocídio do povo caiçara, da jornalista Priscila Siqueira e sobretudo dos contatos frequentes com o povo do Litoral Norte de São Paulo, que me possibilitaram observação direta e participante com o povo da região, encontro-me em condições de fornecer algumas informações de caráter étnico, antropológico, sociológico e linguístico, concernentes ao caiçara de modo geral.

A) A Região

De acordo com Luís da Camara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, "o caiçara é a pessoa natural do Litoral de São Paulo".

A palavra caiçara é um termo regional que equivale ao caipira ou caboclo do interior, usado para designar o habitante do litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro, abrangendo a linha costeira, delimitada pela Serra do Mar.

O litoral norte de São Paulo e o Litoral Sul Fluminense permaneceram durante muito tempo distantes da realidade sócio-econômica do país.

Podemos afirmar que até o início da década 60 esta região era um "vazio econômico", não integrado no sistema vigente no restante do país. Apesar de que se tem notícia de que, no século passado, o litoral norte teria sido a maior zona cafeeira do Estado de São Paulo, e de que o Município de São Sebastião chegou a possuir 106 fazendas de café, nas quais trabalhavam 2185 escravos, enquanto Ubatuba se transformava no grande porto exportador. Contudo, na atualidade seu habitante, um tanto isolado, possui um baixo nível de vida, exercendo, na maioria, em precárias

condições, suas atividades como pescador e agricultor.⁽¹⁾

A melhoria das estradas de acesso à região litorânea SP-99 que liga o Vale do Paraíba ao Litoral Norte de São Paulo, e a SP-55 interligando os Municípios desta região entre si, a instalação da Petrobrás em São Sebastião, a saturação do turismo da Baixada Santista, fazendo com que as pessoas de maior poder aquisitivo procurassem outras praias, os canais de TV chegando ao este litoral, e finalmente a abertura da rodovia 101 - Rodovia Rio-Santos, que trouxe uma valorização imobiliária sem precedentes a toda a área por onde passou, foram fatores que jogaram o Litoral Norte dentro do sistema econômico reinante do país, fato este que pegou despreparado o habitante da região, o caíçara.⁽²⁾

B) O Homem

A jornalista Priscila Siqueira, correspondente do Litoral Norte para o jornal "O Estado de São Paulo", afirma que o caíçara é incompreendido pela civilização, haja visto que um dos significados da palavra caíçara, segundo Aurélio Buarque de Hollanda (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa) é:

"s.m. (Bras.) vagabundo; malandro; desbriado ; s.2 gên. (Bras., São Paulo e Estado do Rio de Janeiro) caipira asselvajado; praiano. (V.Caipira)".

Ele vive há quatrocentos anos na região sem de vastá-la, sobrevivendo em comunidades isoladas, desenvolvendo um conjunto de usos e costumes como também uma linguagem tipicamente sua. Se um peixe é suficiente para seu sustento e de sua família, um peixe só ele pescará por dia, atitude esta considerada inadmissível por aqueles que medem coisas e pessoas pela capacidade de produção.

Este povo, resultado do cruzamento entre ta- moios, franceses, portugueses, negros, que surgiu no litoral quase junto com o descobrimento do Brasil, tem caracter

rísticas bem definidas. Escandaliza-se com a cerca que delimita os terrenos dos turistas. Acostumado a horizontes mais amplos, a cerca e o muro de pedra representam para ele uma agressão.

Do índio, o caiçara permanece com muitos traços marcantes em sua personalidade. Orgulhoso, ele não pede esmola. Outra característica importante que o caiçara possui é a de ser livre. Talvez o infinito do mar e a paisagem sem fim no seu cotidiano sejam responsáveis por essa liberdade, refletida na disponibilidade do seu tempo como bem entende.

O homem caiçara geralmente é de estatura mediana, queimado de sol, ágil e musculoso. As mulheres quando jovens são bonitas, mas as de comunidades isoladas envelhecem cedo, pois casam novas e têm sucessivas gestações. Moram em casas geralmente feitas de pau a pique, mobiliadas simplesmente, possuindo o estritamente necessário para atender às suas necessidades.

É difícil estabelecer qual a contribuição de sua etnia. Entretanto, seja racial e mesmo culturalmente falando, a maior parece ser a de portugueses. Os negros que, em 1835, correspondiam a 37,6 por cento da população e hoje não chegam a 8 por cento, deixaram, contudo, profundas marcas na cultura caiçara.⁽³⁾

Para muitos a extinção do caiçara é irreversível, pois no planejamento que previa a construção da estrada Rio-Santos e o desenvolvimento da região, o homem foi esquecido. Como o caiçara está fora do contexto da valorização das terras, a especulação lhe é estranha. Ele fica alheio a ela até o momento em que se sente lesado. Aí já é tarde, a terra já está vendida.

Vivendo da agricultura de consumo, onde não falta mandioca, o milho, a cana-de-açúcar, e o feijão, obtendo do mar o "peixe nosso de cada dia", o caiçara até poucos anos atrás não conhecia o valor do dinheiro, fazendo suas transações comerciais na base de troca direta.

De maneira geral o caiçara é religioso. Originalmente católico num sincretismo comum ao restante do povo brasileiro. O Litoral Norte de São Paulo foi uma das mais antigas áreas de atuação dos jesuítas na época da colonização. Atualmente as religiões pentecostais como "Brasil para Cristo", "Assembléia de Deus" e "Testemunhas de Jeová", estão amplamente difundidas nas comunidades caiçaras.

A Ilhabela foi, durante mais de dois séculos, reduto de piratas ingleses e franceses. Encontramos muitos caiçaras de olhos - azuis e cabelos alourados, em cujas veias certamente ainda corre um pouco daquele antigo sangue pirata. E cuja fala é carregada de português arcaico. (Quatro Rodas - O Mar - Edição Especial):

"Avalia: por coisas e loisas, meu irmão deu de encachaçar-se nos armazéns. Por esta luz que me alumia, fiz tudo para tirar-lhe o vício".

A perda da terra trouxe conseqüências trágicas na vida deste povo. As favelas até alguns anos inexistentes na região, proliferam nas periferias de suas cidades. A despersonalização do caiçara é patente nas suas manifestações culturais - já fica difícil encontrar um jovem que saiba o segredo do "Azul Marinho", prato típico da região, feito com peixe e banana.

O folclore também está em decadência nesta região, os jovens não se interessam mais pelo reisado ou pela congada. Infiltrando-se valores alheios à sua cultura, o caiçara é levado a trocar uma estrutura de vida baseada em primário sistema de sobrevivência pela competitiva sociedade implantada nos centros urbanos.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) - Rossini, 1981, pág. 21.
- (2) - Siqueira, Priscila, Genocídio do Povo Caiçara. 1982
- (3) - Rossini, 1981, pág. 21.

III - A COLETA DE DADOS

III - A COLETA DE DADOS

Visando a um trabalho de cunho dialetológico dos moradores entrevistados, foram selecionados 25 informantes, assim distribuídos pelas seguintes faixas etárias:

- 1 - de 10 a 25 anos (quatro entrevistados)
- 2 - de 26 a 45 anos (cinco entrevistados)
- 3 - de 45 a 85 anos (dezesseis entrevistados).⁽¹⁾

Quase todos os informantes são nativos da Ilha dos Búzios e moram nas seguintes comunidades:

- Pitangueiras (5)
- Porto do Meio (7)
- Guanxuma (10)
- Saco da Mãe Joana (3)

As gravações foram realizadas durante várias visitas, dez, aos Búzios efetuadas entre 1979 e 1981. Dos adultos entrevistados somente dois são alfabetizados. O levantamento dos dados foi realizado através de diálogos e entrevistas gravadas em "cassetes", feitos livremente nos primeiros contatos com os buzianos, os quais após serem transcritos, nos ofereciam amostras para a descrição do falar caíçara.

Não foram usados questionários tipo dialetológicos (como em Rossi, 1965) uma vez que pensamos colher os dados lingüísticos relevantes através das próprias entrevistas.

A escolha dos informantes foi baseada numa perspectiva de tipo sociolingüística que levasse em conta a variação de sexo e idade. Somente como elemento de comparação, lembramos o estudo de Labov, *The Social Motivation of a Sound Change in the island of Martha's Vineyard*, a quem a sociolingüística deve a elaboração e testes das técnicas de investigação das relações entre fatores so-

ciais e variantes lingüísticas.

Pois ao contrário dos pressupostos da lingüística estrutural, que considera a língua como um sistema bem determinado e uniforme, sem referência a correlações sociais, a sociolingüística se interessa pelas variações dialetais, William Labov, no seu estudo "The Social Stratification of English in New York City, observa que " os lingüístas que maior contribuição deram ao estudo da linguagem em seu contexto social são principalmente aqueles que desenvolveram trabalhos no âmbito da geografia dialetal. Quase todos os estudos neste campo demonstram alguma preocupação com o contexto em que ocorre a fala.

Tal escolha, além de levar em conta a variação de sexo e idade, como já mencionamos acima, foi realizada de acôrdo com os itens abaixo:

- a) Ser nativo dos Búzios
- b) De preferência ter pais também nascidos nos Búzios
- c) Ter feito poucas viagens ao continente
- d) Ter boa dentição, para que a elocução não fosse afetada.

Logo que sentimos a necessidade de tentar de finir as relações língua/sociedade e conhecer a língua realmente falada nesta comunidade lingüística, a fim de documentar não só a linguagem dos buzianos mas também os seus valores culturais, após os primeiros contatos, as entrevistas transformaram-se em conversações dirigidas , tendo sido adotado o método de pesquisador participante , observando a língua dos buzianos implicados em atividades costumeiras e em grupos tais como: pescaria, fabrico da mandioca, conversas de crianças, refeições, etc.

Nem todos os locutores dos Búzios foram incluídos no inquérito lingüístico da comunidade, pois alguns pareciam situar-se num sistema de normas diferentes da mesma, sobretudo os que nasceram em outras comunidades, tais como: Santos, Barra de Una, e que recentemente haviam chegado aos Búzios por motivo de casamento com

moça da ilha. (Como Labov em *The Social Stratification of English in New York* 1962).

Houve um único caso em que tivemos a necessidade de realizar as gravações secretamente. Cumpre esclarecer que essa atitude não foi ditada pela não-cooperação ou agressividade por parte do povo buziano, mas sim devido ao estado emocional de uma determinada informante quando lhe perguntamos a respeito de um acontecimento extremamente desagradável e que a abatera muito.

Além das gravações foram redigidas algumas anotações através de questionário, a fim de se prevenir e sanar possíveis dúvidas e dificuldades, quando das transcrições das fitas, dando-se ênfase aos assuntos abaixo enumerados:

1. A pesca (o calendário da pesca, quando, como e o que se pesca).
2. A Agricultura (o que se planta, qual o processo usado).
3. Saúde (visitas médicas, medicina caseira, benzedadeiras).
4. Regime de Trabalho (mutirão).
5. Viagens (ao continente, duração, finalidade).
6. O lazer (festas, conversas informais).
7. Alimentação (pratos típicos).
8. Educação dos filhos (escola, brincadeiras, trabalho, namoro).
9. O Ciclo da Vida (nascimento, casamento, morte).

O Povo é hospitaleiro e o gravador não os assusta, possibilitando-nos a fácil obtenção de amostras de fala espontânea.⁽²⁾ A grande maioria sente prazer em falar com os visitantes. Os de idade mais avançada frequentemente se desviam do assunto em questão para falar

sobre os navios naufragados na região, aquela área serve de cemitério para vários navios tais como o Aymoré, Darte, Velasques, O Príncipe de Astúrias e Concar, navio espanhol carregado de contrabando, que naufragou próximo aos Búzios, espalhando seu carregamento de azeite por toda a costa.

Dispomos ainda de cópia de uma fita gravada na Ilha em 1967, cedida por uma lingüísta da UNICAMP, Profa. Dra. Eni Orlandi, e de duas fitas gravadas na Ilha Vitória com os parentes dos buzianos.

Não se pode estudar uma língua cientificamente sem conhecer o meio em que a língua é escrita ou falada. Isto vale principalmente para o plano lexical. As palavras, suas significações e suas alterações devem ser compreendidas em suas ligações com os conceitos de que elas são a imagem. (3)

Desta forma, para melhor poder retratar a cultura deste povo, procurei familiarizar-me com os costumes, os usos, as crenças, as ferramentas e os métodos de trabalho lá existentes e recolher todo o tipo de material que considere representativo, tal como: fotografias, cartas marinhas, gravações de cantigas e rezas, benzimentos, artesanatos, flora e fauna, etc. (4)

Um dos aspectos marcantes da situação lingüística da ilha é o grau de variação presente em alguns aspectos da fonologia do falar.

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) - Para outras informações examinar o Quadro dos Informantes - no Anexo 4.
- (2) - Transcrevemos no anexo 4 a entrevista com os informantes AO, FC, e LC, por terem sido considerados os informantes ideais. A.O. é o informante mais velho da ilha, goza de perfeita saúde física e gosta de contar casos sobre o tempo antigo, F.C. - está acostumado a receber os visitantes que chegam até lá e está também sempre disposto a conversar, assim como sua mulher, a informante L.C.
- (3) - Malinowski (1937) defendeu a opinião de que é impossível estudar a língua de uma comunidade sem conhecer sua cultura.
- (4) - Fazemos acompanhar este trabalho de uma fita gravada representativa da fala caiçara dos Búzios.

IV - INFORMAÇÕES GERAIS SO-
BRE A ILHA E SEUS HABIT
ANTES

IV - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ILHA DOS BÚZIOS E SEUS HABITANTES

1. A Situação Geográfica da Ilha dos Búzios

A Ilha dos Búzios, que está situada a 23º 48' "0" de latitude sul e 0º de longitude oeste do Rio de Janeiro, é parte integrante de uma sub-região da costa, geograficamente bem definida. Esta sub-região estende-se desde a vizinhança de Santos até a fronteira do Estado do Rio de Janeiro e se caracteriza por um clima e vegetação uniformes. Entre o mar e a serra tem-se uma faixa estreita que é plana, com praias curtas e curvadas, frequentemente interrompidas por uma cadeia de montanhas íngremes que caem abruptamente para o mar. Estas encostas a distinguem do litoral sul do Estado de São Paulo que tem praias planas e extensas.

Como muitas outras ilhas nesta sub-região, Búzios pode ser considerada um posto avançado da cadeia de montanhas extensamente ramificadas e parcialmente submersas. Pertence ao mesmo pedestal geológico que forma a base de São Sebastião, a maior ilha desta região. A distância entre os pontos mais aproximados das duas ilhas é de cerca de 7.5 km. Como uma extensão geológica da Ilha de São Sebastião, a Ilha dos Búzios tem em comum seu aspecto altamente montanhoso. De fato, consiste de uma única cadeia de montanhas no eixo este-oeste. O pico mais alto está a 426 m. em relação ao nível do mar. A superfície total da ilha dos Búzios é de 7,5 km². Considerando as condições agrícolas locais, somente uma pequena parte da ilha é cultivável.

Os habitantes da Ilha, como a maioria dos caiçaras e caboclos do sul do Brasil, não cultivam nos declives das montanhas que se voltam para a face sul. São considerados frios, e conseqüentemente, inaproveitáveis para

os propósitos da agricultura. Em Búzios, o declive sul é coberto com árvores e totalmente inabitado. No declive norte, entretanto, segundo o relatório de Euclides da Cunha de 1902, o solo já vinha sendo cultivado há duzentos anos. Contudo, não encontramos nenhum documentos que abone tal afirmação. Em alguns lugares muitas pedras estão expostas à flor da terra, devido à erosão. Os córregos que drenam os íngremes declives fizeram gargantas profundas e pedregosas que se tornam mais largas nas partes mais baixas e dificultam as comunicações entre os locais isolados da ilha.

Não há praias com areia na Ilha dos Búzios. Em todos os lados, a costa consiste de pedras, algumas delas parecem imensos paredões de rocha, e em muitos lugares os penhascos maciços romperam-se pela ação erosiva do mar.

Existe uma única baía na Ilha, onde as rochas da costa não são tão perigosas e onde as canoas tem relativa proteção contra o mar encapelado. É a baía chamada de Saco da Guamixama, ou Saco da Guanxuma, no dizer de alguns moradores. A outra localidade onde é possível descer de canoa e onde foi construído recentemente um "pier" de concreto é o Porto do Meio. No saco da Guamixama há uma pequena área do litoral que é plana e um regato descarrega no mar.

A umidade relativa do ar é sempre em média de 80% a 85%. A umidade relativa desse tipo contribui para a proliferação de pragas. A precipitação média dos meses menos úmidos é de 100mm e não há nenhum lugar com menos de 60mm de chuva durante os meses mais secos (julho e agosto). O número de dias claros com sol forte é bastante alto. Os invernos são muito suaves, e as temperaturas médias diárias abaixo de 15°C são raras. O calor do verão é amenizado pelas brisas do mar. Ventos ligeiros são constantes e tempestades são escassas.

É necessário dizer que mudanças rápidas de temperatura são freqüentes durante os meses de inverno ,

apesar das médias relativamente altas. O povo de um modo geral não dispõe de proteção satisfatória contra o frio, justamente por ser coisa rara um dia com baixa temperatura na Ilha.

Normalmente, o mar é calmo no verão e frequentemente encapelado no inverno, interferindo consideravelmente com a economia de Búzios, uma vez que a economia do povo da ilha vem sobretudo do mar, quando o mar está "grosso" não há condições para se praticar a pesca.

A vegetação em Búzios é tropical. Mandioca, batata doce, cana de açúcar, café, palmeiras, bananas, frutas cítricas e alguns tipos de feijão, são cultivados pelos habitantes. Uma variedade incontável de peixes são pescados: tainha, paratí, pescada, bonito, corvina, garoupa, etc.⁽¹⁾

2. Um Pouco da História da Ilha dos Búzios

Em seu relatório datado do ano de 1902, Euclides da Cunha, falando sobre a Ilha dos Búzios e de sua irmã próxima, a Ilha Vitória, na qual existe um farol sob a vigilância e responsabilidade da Capitania dos Portos de São Sebastião, afirma:

"Não têm existência histórica e não figuram em nenhuma narrativa de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento da costa que fronteiam".

Até a presente data, e após várias buscas, não encontramos nenhuma referência histórica, devidamente registrada a respeito dessas duas ilhas⁽²⁾. Os habitantes desta Ilha, principalmente os mais velhos, contam, com visível satisfação, estórias a respeito do seu passado, referentes ao tráfico de escravos, à pirataria, e à época de ouro do café. Foi através dessas informações orais e informais que passamos a acreditar que só após terminar a influência indígena, lá por volta de 1700 é que essas

ilhas começaram a ser habitadas. Antes disso ninguém permaneceria nelas, ninguém ficaria sujeito à pirataria (dizem que a Ilhabela teria sido um reduto de piratas), e aos índios. Então, as ilhas seriam obrigatoriamente desertas até essa data, quando começaram a ser habitadas de forma estável pelos portugueses, surgindo o embarque do ouro e a exportação nesse litoral⁽³⁾.

Na época do relato de Euclides da Cunha, a comunidade caiçara da Ilha dos Búzios, vivia sob o patriarcado de um octogenário chamado Joaquim de Oliveira que, graças a sua grande influência moral, monopolizava todo o poder local, regulando todos os atos referentes à organização da família e mantendo a ordem sobre as atividades relacionadas com a pesca e a agricultura.

Búzios certamente desempenhou um papel importante na história da escravidão, quando os navios ingleses exercitaram a repressão do tráfico africano até dentro das nossas águas territoriais. Deve ter sido um posto avançado dos vigias que iludiam a fiscalização existente na época. Graças a sinais adrede combinados, de fogueiras acesas ao longo dos costões volvidos para o sul, ou de bandeiras de diversas cores levantadas no mais alto dos morros, os navios negreiros, ao longe, aproavam confiantes para a terra ou amarravam céleres furtando-se aos que os caçavam. Toda a atividade naqueles pontos se resumia nas aventuras perigosas do contrabando de escravos⁽⁴⁾.

Ainda existe nos Búzios uma pedra alta com o nome de "Pedra da Vigia". Referindo-se a ela, dona Laudelina Costa, moradora no Saco da Guamixama, relatou-nos o seguinte:

"É a pedra da vigia. Diz que ficavam lá, não, botando sentido em navio, para fazer sinal, quando o navio passava. O meu sogro contava".

Os buzianos tem freqüentes contatos com os moradores da vizinha Ilha Vitória, aos quais estão ligados por laços de parentesco.

3. A Etnia do Povo

Atualmente vivem nos Búzios cerca de 350 pessoas. Euclides da Cunha em seu relatório de 1902, menciona 358 habitantes, sendo que no livro de Emilio Willems de 1947, esse número baixou para 126 habitantes.

Nem todos os habitantes do Búzios são nativos da Ilha. Alguns nasceram na Ilha Vitória, (a qual teria sido arrendada pelos primeiros moradores dos Búzios, para ser cultivada), em São Francisco, bairro pertencente a São Sebastião, Santos, Barra do Una, etc. , com exceção de poucas famílias que vieram de outras localidades, ali todos são parentes, incluindo o pessoal da Vitória, descendendo praticamente de cinco ou seis famílias que se casaram entre si.

A respeito do povo caíçara da ilha dos Búzios, Emílio Willems, 1952, em seu livro Búzios Island afirma o seguinte:

"Os ilhéus buzianos constituem uma comunidade mestiça e sua cultura é claramente miscigenada. As feições negras estão totalmente ausentes. Biologicamente, a maior parte dos ilhéus são produto de hibridização entre portugueses e índios; culturalmente, adquiriram elementos indígenas e preservaram características da cultura colonial portuguesa. São híbridos genéticos e culturais, todavia eles são mais iberos do que índios."⁽⁵⁾

Inquiridos a respeito de suas descendências dois buzianos responderam:

"nós somos portugueses, o negócio e esse, sabe como é? É que o único brasileiro era o índio né...". A.O. Aqui quem veio foram os portugueses". O.C.

Os padrões de vida familiar, por exemplo, são basicamente europeus.

A grande contribuição de origem indígena para a vida dos buzianos, provavelmente adquirida no início do período colonial na costa Tupi, refere-se à agricultura ,

à pesca e à tecnologia. A maior herança Tupi é uma série de atividades que se desenvolvem com relação à mandioca⁽⁶⁾.

4. A Comunidade: - As Três Seções da Ilha

A Ilha possui pequenas comunidades separadas entre si. A comunicação entre elas nem sempre é fácil, quer seja pelas dificuldades encontradas para andar pelas picadas cobertas de mato, sobre rochas escorregadias ou mesmo sobre desfiladeiros profundos. Tudo isso contribui para que os próprios moradores não se vejam com frequência⁽⁷⁾.

A primeira seção da Ilha é formada pelas casas localizadas no Porto do Meio e Pitangueiras. Um Caminho corre ao longo da montanha cerca de 100 metros acima do nível do mar. Quatro portos são encontrados nesta parte da ilha, inclusive um "pier" de concreto, contudo nenhum deles confiável. Os habitantes de Pitangueiras estão separados dos do Porto do Meio por uma série de rochas íngremes e escorregadias que devem ser escaladas para atingir os portos nas outras seções da Ilha.

Guamixama é a segunda seção da Ilha, caminhar do Porto do Meio até Guamixama leva aproximadamente quarenta minutos, através de uma picada quase sempre coberta de mato. Ela está localizada em uma baía(saco) relativamente protegida, possuindo o porto mais acessível e seguro de toda a Ilha. Foi o lugar onde desci pela primeira vez nos Búzios, sendo recebida pelo Sr. Franklin Camilo, sua esposa, dona Laudelina Costa, e o Sr. Antonio de Oliveira, o habitante mais velho da Ilha dos Búzios. Pelas informações obtidas depois fiquei sabendo que os pais do Sr. Franklin Camilo teriam exercido muita influência na vida dos antigos buzianos. Há uma pequena capela em Guamixama, que, atualmente não está sendo utilizada, uma vez que devido à falta de padres nos Búzios, os casamentos e batizados são celebrados em Ilhabela ou em São Sebastião.

A terceira seção da Ilha dos Búzios estende-se da Ponta do Mandarí à Ponta dos Leste. As vizinhanças desta comunidade estão separadas do resto da Ilha por desfiladeiros profundos que são ultrapassados pulando-se de pedra em pedra. De Guamixama até a última casa do Saco da Mãe Joana, toma cerca de uma hora de caminhada.

É preciso acrescentar que não há pontes cortes para reduzir as dificuldades de se caminhar sobre este terreno, e na estação chuvosa, andar por esses caminhos é impraticável, na maior parte das vezes. Muitos preferem usar a canoa, no lugar da caminhada, mas em certas épocas do ano o mar fica tão encapelado que torna impossível também este tipo de transporte. Nessas ocasiões a comunidade chega a ficar totalmente isolada do resto do mundo, durante vários dias seguidos, contando somente com poucos recursos no caso de acidentes ou doenças graves. A própria autora deste trabalho testemunhou este tipo de problema, ficando presa aí durante três dias, sem condições de qualquer contato com o continente.

- Padrões de Comportamento

Quando de minha primeira viagem aos Búzios, receava encontrar um povo hostil e arisco. Aconteceu exatamente o contrário: fui sempre muito bem recebida por aquele povo muito comunicativo e quase sempre bem humorado.

Esse relacionamento comunicativo com estranhos certamente, tem sido aumentado na história mais recente da Ilha por causa do fato de alguns habitantes, principalmente os mais jovens, embarcarem para o continente, de preferência para Santos, onde vão se dedicar à pesca da sardinha, ou para São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela, a fim de venderem suas mercadorias ou encontrarem melhores condições de trabalho. Uma vez por outra visitam sua gente, trazendo dinheiro, presentes e até às vezes algum novo

amigo.

A maioria dos habitantes considera uma desvantagem o fato de não saber ler. Dentre os adultos, encontramos duas pessoas alfabetizadas. Um Deles, o Sr. Franklin Camilo, estudou no bairro de São Francisco. Os buzianos mandam seus filhos para a escola existente na Guamixama, apesar da distância que separa esse lugar das outras comunidades da Ilha.

Recentemente foi posta em funcionamento uma nova escola no Porto do Meio, facilitando a locomoção das crianças das redondezas que não precisam mais ir até a Guamixama através de uma longa caminhada sobre uma picada nem sempre conservada em bom estado.

A vida é parada e sempre igual, uma vida rude, ao sabor da natureza. O isolamento conserva-os durante muito tempo na mesma rotina. Os assuntos de conversação circunscrevem-se a atividades do dia a dia que, em geral, dizem respeito à pesca e à agricultura, às técnicas que empregam e que têm permanecido as mesmas por gerações e que são executadas por praticamente todos os habitantes.

- Organização Político-Social

Os buzianos possuem um padrão de comportamento essencialmente individualista, haja visto que uma das únicas formas de trabalho em cooperativa é o barreamento da casa de pau a pique. Talvez este comportamento se deva à maneira como as atividades são realizadas. Voltaremos a falar mais detalhadamente sobre este assunto no item relativo à pesca. Não existe nenhuma forma de associação, nem mesmo irmandade religiosa.

Não existe participação política, como também não há representante do governo nessa Ilha. Seus habitantes não são eleitores. Não recebem aposentadoria.

Uma vez que a Ilha pertence à jurisdição de Ilhabela, obtive junto à Prefeitura daquele lugar, ajuda no sentido de obter certidão de nascimento e carteira de trabalho para alguns pescadores velhos e doentes, a fim de posteriormente receberem os benefícios da aposentadoria da qual tanto precisam.

Comumente os contratos e acordos são feitos oralmente, com exceção de alguns certificados de batismo ou casamento.

Apesar de serem bastante individualistas, existe alguém a quem eles recorrem em casos de necessidade. Na época da presente pesquisa, as pessoas que gozavam desse prestígio na Ilha, eram da família do Sr. Franklin Camilo, onde geralmente se hospedavam os visitantes. Dona Laudelina, esposa do Sr. Franklin, relembrando tempos passados, contou-nos:

"Toda a vida, desde o tempo que o meu sogro era inspetor de quartelão, tinha dia aqui que a casa ficava cheia de gente. A casa de le aí, e a nossa aqui. A gente cuidando daquilo tudo. Já de tarde, assim, queriam janta... E faz janta, e faz café pra aquilo tudo de gente. E arruma a casa e arruma a cama pra aquilo tudo. Ajudava lá a minha sogra. Eu já estou acostumada".

- Condições de Saúde

À primeira vista, as condições de saúde do povo da Ilha dos Búzios são satisfatórias. Possuem o hábito de fazer chá de ervas que nascem em suas terras para curar as doenças, uma vez que o acesso aos médicos e às farmácias é muito difícil. As crianças não recebem as vacinas regulares, a não ser em caso de grandes campanhas nacionais. A população só procura o médico no continente em casos extremos e assim mesmo, quando possuem condições econômicas para isso.

A visita de médicos e dentistas à ilha não é realizada periodicamente, ficando a população totalmente

desamparada neste aspecto. Devido a esses fatores a mortalidade infantil é bastante alta. Infecção dos órgãos respiratórios, gripe, são as causas mais frequentes dessa mortandade.

Numa de minhas visitas, quando levei um médico até a Ilha, várias crianças apresentaram sintomas de distúrbios gastro-intestinais, provavelmente causados por amoebiasis. Casos de cáries nos dentes foram encontrados em quase todos os moradores. Vários habitantes sofrem de pressão alta, e neste caso eles se tratam com chá de cidrão.

Contra veneno de cobra usam chá de folhas de guaco com alho e banha de lagarto com água. A banha do lagarto é usada também como anestésico para dor de dentes.

Através de observações e de depoimentos dos informantes pudemos constatar que em várias famílias da Ilha existem casos de paralisia em ambas as pernas. Pelo que pudemos observar esta doença se manifesta na puberdade, através de uma forma de paralisia progressiva e irreversível. Há alguns casos de demência e um menino que possui seis dedos em uma das mãos. Aparentemente essas deformidades teriam surgido devido aos casamentos consanguíneos freqüentemente realizados na Ilha.

O Sr. Aristides Teixeira, morador do Porto do Meio, contou-nos que quando ele era moço surgiu uma doença nos Búzios, uma febre muito alta, que matou todas as pessoas de idade avançada. Teria sido esse o motivo da enorme diferença com relação ao número de habitantes de (358) em 1902 para 1947 (126)?

Somente uma casa possui um banheiro mais ou menos improvisado, pois geralmente usa-se o pé de banheira para esse fim. Para os banhos são usadas grandes bacias de alumínio. A água é obtida diretamente de nascentes ou dos pequenos córregos de água que descem pelas encostas. A água é transportada para consumo através de man

gueiras de plástico, ou aquedutos de bambú partido ao meio, sendo consumida "in natura", sem qualquer tratamento. A água consumida desse modo, é a grande responsável por tantos casos de vermes encontrados entre as crianças, segundo relatório da visita do médico à Ilha.

5. O Declínio das Práticas Cristãs

Da religião católica restou quase que unicamente o culto dos santos e é a única praticada nos Búzios. Notamos fragmentos de preces católicas através das rezas das poucas benzedeiças existentes na ilha. Não encontramos nenhuma outra crença ou religião que não seja de origem européia. O mesmo se pode dizer com relação às poucas danças populares que ainda sobrevivem, isto é, foram trazidas pelos primeiros habitantes da ilha, os portugueses.

Todos os habitantes se dizem Católicos Apostólicos Romanos, mas filiação religiosa significa pouco ou quase nada. Há muito tempo não recebem a visita de um padre, ausência da qual algumas senhoras se ressentem, sobretudo por considerarem importante o batizado para os filhos e netos.

Alguns dos mais velhos receberam o registro de nascimento depois de adultos. Esses documentos são obtidos, geralmente, quando surge a necessidade de algum tipo de documentação, para obterem assistência médica ou qualquer outra ocasião rara em que se apresente a necessidade de possuir documentação, nesses casos a idade que aparece no documento é quase sempre estimada e não real.

Com exceção da festa de São Pedro, realizada no dia 29 de junho, não existem atualmente nos Búzios, serviços religiosos coletivos, missas, novenas, etc. A única capela lá existente praticamente só é visitada na festa de São Pedro. Antigamente os irmãos franciscanos que viviam no antigo convento do Bairro de São Francisco prestavam assistência religiosa a esse povo. Os oratórios são

raros nos Búzios.

Também não existe regular observância dos domingos e dias santos. Dona Laudelina Costa, indagada a esse respeito, respondeu o seguinte:

"Eu respeito, eu sábado e domingo não traba - lho, nem roupa eu não gosto de lavar, que di - rã eu costurar. A mulher que me benzeu pediu para que eu não costurasse, que é dia de Nos - sa Senhora. É dia de Jesus Cristo".

Percebemos que não existe culto aos mortos. O cemitério dos Búzios só é visitado quando levam para lá algum defunto. No lugar onde enterram, fazem um marco com pedras ou plantas e simplesmente se esquecem dos mortos, deixando geralmente a cova coberta de mato. O dia de fina - dos não é comemorado por ninguém.

Nenhum controle é exercido pela Igreja. A ca - pela pouco significa para os moradores. O próprio culto aos santos envolve um pequeno número de fiéis, alguns a - creditam neles, outros não, sem que alguém seja criticado por isso.

Não somente há poucas benzedadeiras atualmente nos Búzios, como também nenhuma técnica foi adicionada ao tradicional e gasto estoque dos conhecimentos mágicos, po - dendo notar-se não só o declínio da religião como também da magia.

6. A Família

Geralmente os filhos casados constroem sua casa perto de seus pais, principalmente quando estes pos - suem o aviamento para fazer a farinha de mandioca.

Com exceção de algumas famílias que vieram de fora, os buzianos descendem basicamente de quatro ou cin - co famílias: Oliveira, Teixeira, Camilo, Justino e Costa. Não existem regras proibindo os casamento consangüíneos ,

e tais casamentos não são considerados biologicamente perigosos por ninguém da Ilha.

O contato social entre os jovens é geralmente através de algum baile. Todavia, nessas ocasiões, as danças mais parecem um ritual do que uma forma de entreterimento social. A expressão das faces dos pares dançantes é muito séria. Dançam como se rezassem.

Do homem é esperado que provenha comodidades necessárias à família, seja sóbrio, trabalhador e respeite o corpo de sua esposa. Dela é esperado que seja uma boa dona de casa, que saiba cuidar dos filhos, do marido e trabalhar na roça.

No caso de alguém desertar, o preterido nunca reage com ações violentas. Crimes passionais não acontecem na comunidade. Recentemente acompanhei de perto um caso de abandono do lar por parte de uma senhora com idade bastante avançada e que foi morar com um jovem bem mais novo que ela. Após algum tempo ela resolveu pedir perdão ao marido e voltar para o convívio do antigo lar. Parece-nos que a iniciativa para quebrar os laços de união conjugal é mais freqüentemente tomada pela mulher.

7. O Regime de Trabalho

A jornalista Priscila Siqueira falando a respeito do caiçara diz que esse povo é dono de uma filosofia de vida bastante peculiar e especial. Ele vive o dia de hoje, amanhã será outro dia, Deus proverá! (8)

Estas palavras podem ser aplicadas na íntegra ao caiçara buziano. Sem dúvida, se fosse estocada comida, eles não passariam necessidades quando o mar está "grosso" e não lhes permite a saída da Ilha para pescar ou comprar mantimentos no continente.

Com relação ao armazenamento de alimentos exis

tem limitações de ordem prática, o peixe, por exemplo, só pode ser guardado após ter sido seco e salgado, visto que não possuem geladeiras para conservá-lo fresco. Talvez pudessem guardar comestíveis não perecíveis tais como: feijão, batata, milho, etc., acontece que na sua concepção de vida, eles simplesmente não acreditam que trabalho seja intrinsecamente bom, e deva ser feito regularmente.

"Um bando de fracos e indolentes caiçaras" pode frequentemente ser observado trabalhando em pesadas embarcações de sol a sol, sobre o calor abrasante, entregue à lida pesada das pescarias no alto mar. E após um dia inteiro de faina, necessitam ainda realizar prodígios de agilidade e de força. A fim de, saltando em plena arrebenção das ondas, conseguirem salvar também a embarcação. Obviamente tais homens não dão a impressão de fraqueza e indolência. Com toda a certeza tal descrição não está de acordo com o significado da palavra caiçara, sendo que um deles é "malandro, vagabundo, desbriado"⁽⁹⁾.

Ele pode passar dia após dia em completo ócio, sem sentir culpa, pecado. O descanso, o lazer deste modo é tomado como privilégio permitido na cultura caiçara e certamente ele não é sinônimo de preguiça, indolência, pois dentro da comunidade buziana o homem é considerado indolente quando não consegue prover o sustento de sua família, perdendo desta forma o respeito dos seus companheiros. É esperado dele que satisfaça as necessidades imediatas de sua família, e não mais.

Um dos fatores mais importantes acerca do regime de trabalho dos buzianos é talvez a ausência das formas de trabalho coletivo, que caracterizam muitos dos caiçaras e caboclos de outras comunidades. Como já dissemos anteriormente, uma das poucas atividades realizadas com ajuda mútua é o barreamento da casa. Perguntamos ao Sr. Franklim se as pessoas colaboravam umas com as outras, e ele nos respondeu:

"Aqui é cada um por si, minha filha, e Deus

por todos. Sô o barreamento da casa. Antigamente, quando barreava né, faziam que nem um almoço, né; fazia café, tinha peixe salgado. Dava café com arroz para o pessoal que gostavam e farinha de milho, biscoito. Agora tudo mundo está usando casa de tauba".

Outra tarefa que necessita de ajudante é quando da descida e subida da canoa da estiva de madeira para o mar, pois os "portos" nos Búzios são plataformas de madeira fixadas nas rochas a partir do nível do mar para o costado de pedras. Assim sendo, há necessidade da ajuda dos outros habitantes para puxar a canoa e também de muita habilidade por parte do marinheiro a fim de evitar que a mesma se arrebente contra as rochas.

8. A Agricultura

A principal cultura dos Búzios é a mandioca. Não requer solo especialmente fértil o qual é geralmente preparado em agosto ou setembro. Como já dissemos anteriormente, a cultura da mandioca é herança dos indígenas e continuou sendo praticada pelos portugueses, fazendo parte de nossa tradição agrícola de norte a sul e de uma maneira especial desempenhando um papel importante na cultura e na vida dos Búzios, a começar pela preparação e plantação do produto, passando pela manufatura da farinha e estendendo-se à utilização da mesma na alimentação básica do povo. O interessante é que todas essas atividades são ainda hoje realizadas de forma parecida com a cultura Tupinambá do século XVI.

Apesar dos buzianos obterem boa produção com a plantação da mandioca mansa (*manihot dulcis*) mais conhecida como "aipim" e "macaxeira", cujas raízes comestíveis são muito apreciadas e importantes para a alimentação do povo, eles dão preferência à plantação da mandioca brava (*manihot utilissima*) para o fabrico da farinha, uma vez

que após o processo de cozimento e torrefação, a presença do ácido cianídrico presente nas raízes deste tipo de mandioca é destruído, desaparecendo assim o perigo de envenenamento. Dona Laudelina Costa, respondendo ao porquê dessa preferência respondeu: "Nós plantamos mais dessa porque essa rende mais".

Em segundo lugar de importância vem o plantio do feijão. O feijão de Búzios tem a fama de resistir ao caruncho, conservando-se durante muito tempo. Atualmente a colheita feita na Ilha não dá conta da demanda, sendo necessário comprar fora para o consumo interno. O café, que já teve os seus tempos áureos, na atualidade sofre o mesmo destino do feijão.

Dona Antonia Costa, lembrando os tempos do café, contou-nos o seguinte:

"Nós não davamos conta de colher, vendíamos, deixávamos para o gasto, depois de uma queima que deu no café, sabe, acabou, secou tudo, bateu nos coqueiros, secou todos os coqueiros, caíram as folhas, acabou-se tudo minha filha, agora que tem coqueiro novo, faz muito tempo, a doença queimou todas as plantas, sabe uma doença, de primeiro não comprava café, nós vendíamos café".

9. A pesca

A pesca é realizada em canoas de diferentes tamanhos e construídas lá mesmo com madeira própria da Ilha dos Búzios. A posse de uma canoa é um bem muito importante para o caiçara.

A ausência de grandes canoas limitou a necessidade de cooperação. Assim como também as rochas e precipícios da costa da Ilha não permitem o uso de redes do tipo picaré, por exemplo. A pesca nos Búzios é quase sempre realizada individualmente. ⁽¹⁰⁾

A pesca é feita com redes ou linha. Acontece que devido à completa ausência de praias com areia na

Ilha, a pesca com rede é pouco praticada, a não ser com redes de espera tipo minjoada e tresmalho, geralmente colocadas ao pôr do sol e retiradas de madrugada, ancoradas com grandes pedras e conservadas abertas através de pequenas bôias. O picaré, por exemplo, não pode ser usado lá na ilha, por ser uma rede própria para praias de areia.

A pesca de linha pode ser feita de duas formas: a "pesca de corrico", que é realizada com canoas em movimento e pescando-se peixes que vivem mais à tona; e a "pesca de fundo", onde são obtidos peixes como: garoupa, cherne, badejo, dourado, enxova, etc.

Os peixes que não são consumidos imediatamente, ou são vendidos ao Sr. Hildo Costa, que os revende no continente ou são salgados e secos. A pesca é feita exclusivamente pelo homem. À mulher cabe a tarefa de "consertar" o peixe, ou seja, limpá-lo, salgá-lo e pendurá-lo numa vara de bambú para secar ⁽¹¹⁾.

As rochas submersas são favoráveis ao crescimento das algas. Durante a maré baixa as rochas emergem e as algas podem ser colhidas facilmente. A coleta das algas é feita com a participação de toda a família e nessas ocasiões todos os elementos da família recebem a sua parte na venda.

10. A Caça

Não existe caça nos Búzios a não ser alguns pássaros. Caçar passarinhos é um dos passatempos favoritos dos adolescentes buzianos. Vários tipos de pássaros são caçados com o bodoque, como o sabiá, a saracura, a juriti, etc. Os que não são comidos são colocados em gaiolas feitas de taquara.

Os meninos de Búzios além de serem exímios caçadores de pássaros com bodoques, deram uma demonstração de destreza atirando com a mão livre pedras contra

periquitos que se alimentavam de coquinhos. Ao errar por pouco, um dos rapazes nos disse que "a pedra saiu louca".

11. Alimentação

Existe pouca variedade na alimentação diária dos buzianos. O número de plantas e animais habitualmente usados no preparo dos alimentos é relativamente pequeno, assim como também é simples o método usado para se preparar a comida. Farinha de mandioca e peixe salgado ou fresco são a matéria prima de todas as refeições.

O peixe é fervido na água. Sal e bananas verdes são adicionadas para se fazer a famosa "caldeirada", que é acompanhada de farinha de mandioca. O beijú, um produto tradicional da cozinha brasileira e que é feito com farinha de mandioca, é muito raramente preparado nos Búzios.

Podemos acrescentar os vários tipos de pratos feitos à base de feijão e a batata doce. Para condimentar a comida usam sal e pimenta. Arroz é algumas vezes comido, mas por poucas famílias. Ovos e galinhas são consumidos em raras ocasiões.

Existem algumas frutas cítricas e cocos. com exceção de poucos pássaros selvagens, não existe carne fresca de animais na Ilha.

A primeira refeição consiste de café com farinha de mandioca, adoçado com caldo de cana de açúcar. O leite fresco inexistia nos Búzios. A esse respeito o Sr. Antonio - professor nos Búzios até 1980 relatou-nos o seguinte:

"O padre João levou as cabras holandesas e deu-as de presente aos buzianos para que pudessem ter leite fresco. Isto lá pelo ano de 1940 mais ou menos. Quando voltou e perguntou pelas cabras, os buzianos responderam-lhe que estavam deliciosas, comeram-nas todas".

Para o almoço e jantar é preparada a "caldeirada". O povo demonstra pouco interesse para com a ali mentação. As refeições são sempre muito simples e são fei tas em horas irregulares. Cada membro da família pega seu prato de comida, assenta-se em alguma parte da cozinha ou na sala e come rapidamente sua comida num isolamento completo.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

- (1) - Maiores informações a respeito podem ser encontradas em Willems, 1952.
- (2) - Planejo futuramente fazer um levantamento nos arquivos dos Cartórios de Registro Civil da região e também nos livros de registro de nascimento das igrejas, principalmente no antigo convento do Bairro de São Francisco, a fim de verificar de quando são os primeiros registros.

Estou interessado em obter informações de caráter ético, saber exatamente quando e porque as primeiras famílias decidiram habitar a Ilha dos Búzios.

Já estive bastante próxima de conseguir algumas informações através do padre João Bell, o qual frequentava a ilha. Infelizmente quando consegui localizá-lo em Ubatuba, ele já havia falecido e os manuscritos a respeito das suas viagens tinham sido destruídos.
- (3) - Foram encontrados nos Búzios machados de pedra Tupi nambás. Um desses exemplares está em poder do Prof^o. Dr. Maurício Gnerre - Unicamp.
- (4) - Euclides da Cunha, 1902.
- (5) - Willems, Emilio. Búzios Island. pág. 103 "Buzios islanders constitute a Mestizo community and their culture is distinctly Creole. Negro features are conspicuously absent. Biologically, most of the islanders are products of early hybridization between Portuguese and Indians; culturally, they have taken over Indian elements and have preserved characteristics of Portuguese colonial culture. As genetic and cultural hybrids, however, they are more Iberian than Indian".
- (6) - Este assunto terá continuidade no capítulo 8.

- (7) - Verifique-se o Anexo 1 - Mapa da Localização Geográfica da Ilha dos Búzios.
- (8) - Siqueira, Priscila, Genocídio do Povo Caiçara. 1982.
- (9) - Ver Hollanda, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.
- (10) - Ver Anexo 6 - Fotografias
- (11) - Ver Anexo 6 - Fotografias

V - ASPECTOS FONÉTICOS

V - ASPECTOS FONÉTICOS

Decidimos iniciar o nosso estudo sobre o falar caiçara dos Búzios pelo levantamento fonético, uma vez que nele se encontram algumas características muito interessantes, sobretudo no que se refere à surpreendente variação interna que observamos desde o primeiro contato com a realidade lingüística da ilha, a partir da variação no traço supra-segmental da palatização. Encontramos também vogais abertas, a presença de [õ] em posição final, em variação com [ãu] e arcaísmos em geral.

Referindo-se aos arcaísmos do Brasil em geral, Sílvio Elia (pág. 279 e 280), já chamava a atenção para o fenômeno:

"De fato, o português do Brasil se aproxima bastante da maneira de falar do português quinhentista. cremos porém, que a "arcaicidade do português do Brasil deve, pelo menos no que diz respeito à evolução fonética, ser entendida num sentido dinâmico e não estático. Com isso se quer dizer que o sentido de nossa evolução fonética manteve os princípios básicos do sistema articulatório do século XVI, ao passo que, para Portugal houve evolução divergente".

Com efeito, a língua para cá transplantada no século XVI, evolui sob a ação de fatores diversos da europeia, principalmente ao contato com as línguas aborígenas e posteriormente com os vários idiomas africanos.

Verifica-se na fala dos buzianos, em virtude de seu segregamento, que o idioma que ora falam se aproxima do português seiscentista.

Não estamos afirmando que o português que encontramos na Ilha dos Búzios é o mesmo português brasileiro do século XVI, ele não estacionou, ao contrário, evoluiu seguindo rumos próprios.

Cabe aqui dizer, que o "yeísmo" tão usado na fala popular, onde se conta "famiya" por "família", "trabayo" por "trabalho", não foi registrado na fala do povo

buziano. (1)

O mesmo se pode dizer do r caipira. Os habitantes da Ilha não fazem uso do r retroflexo.

De acordo com o que afirmei no primeiro parágrafo, a escolha para começar o presente trabalho recaiu sobre o levantamento fonético, apesar da indecisão com relação a que tipo de material colhido deveria ser usado, uma vez que nem todo o material colhido fora utilizado, tal escolha prende-se ao fato desses fenômenos me parecerem mais expressivos para a delimitação das fronteiras dialetais do que os de natureza lexical, embora tivessem sido também tomados em conta os aspectos morfológicos, sintáticos e o vocabulário.

A) CARACTERÍSTICAS DO FALAR BUZIANO ENCONTRADAS EM OUTROS
FALARES PAULISTAS:

No Norte do Estado de São Paulo e Sul do Rio de Janeiro, o "caiçara" é considerado o "caipira" do litoral. De modo geral, o falar "caiçara" e o "caipira" têm muitos elementos comuns aos dois, elementos esses também encontradiços na língua popular de outras partes do Brasil.

Bertil Malmberg (1974, pág. 81), referindo-se a dialetos afirma: que neles foram conservadas formas, palavras ou estágios fonéticos mais antigos, que haviam desaparecido da língua nacional, possibilitando aos historiadores da língua ali encontrar a confirmação de linhas de desenvolvimento que, sem a dialetologia, teriam sido puramente hipotéticas.

Pelo que pudemos perceber, poucos são os fatos dialetais encontrados no Brasil, que constituem novidade relativamente à evolução fonética portuguesa. O restante será repetição ou manutenção de dialetismos portugueses, ou então será resultado da ação de tendências conhecidas e constantes, as quais, embora não sejam as chamadas "leis fonéticas" se manifestam aqui e ali, atingindo estes vocabulários e deixando aqueles, mas nunca estando inativas.⁽²⁾

Sobre este assunto diz Celso Cunha, (1977, pág. 53):

"Não há dialeto ou falar que não tenha traços comuns a outros, porém o que dá fisionomia própria a cada um não são os caracteres isolados, que podem separá-los ou aproximá-los de dialetos ou falares contíguos ou distantes, mas o conjunto dos traços que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente".

1. VOGAIS TÔNICAS:

No dialeto caiçara toda a palavra terminada

por uma fricativa alveolar tem na última sílaba um ditongo em [i] se essa sílaba fôr tônica.⁽³⁾ Em outros dialetos podem ocorrer formas semelhantes não ditongadas. Exemplos:

<u>Ortografia</u>	<u>Dial.caiçara</u>	<u>outros dialetos</u>
atrás	[at ɾ ais]	[at ɾ as]
nós	[n ɔ is]	[n ɔ s]
mês	[meis]	[mes]
rapaz	[ɾ apais]	[ɾ apas]
faz	[fais]	[fas]

2) VOGAIS ÁTONAS:

a) Nas sílabas pretônicas, em palavras como as exemplificadas abaixo, sô ocorre a vogal [i] no dialeto caiçara , como acontece em muitos dialetos do português. Nesse mesmo contexto, em alguns dialetos, ocorre um [e] , vogal que se aproxima mais da forma ortográfica dessas palavras.⁽⁴⁾

estragou	- [ist ɾ ago]
escorre	- [isk ɔ ɾ e]
esmola	- [ism ɔ la]
embarcado	- [ĩmba ɾ kadu]
enxergo	- [ĩ ⁿ ʒɛ ɾ gu]
engenho	- [ĩ ⁿ ʒeñu]
enxúndia	- [ĩ ⁿ sũ ⁿ dia]
ensinar	- [ĩsina]
recurso	- [ɾ ikusu]
sentido	- [sɪ ⁿ tidu]
melhorar	- [miõ ɾ a]
descansar	- [diskã ⁿ sa]
devoção	- [divosãũ]

pedir	- [pidi]
vendia	- [vĩ ⁿ dia]
infeliz	- [i ⁿ filis]
pequena	- [pikena]

- Semelhante, ainda em sílabas pretônicas, em palavras como exemplificadas abaixo, sõ ocorre a vogal [u] onde em alguns dialetos pode ocorrer uma vogal diferente, como [o] ou [ɔ]:

cozinha	- [kuziña]
corricar	- [kuxika]
bonito	- [bunitu]
folia	- [fulia]
costurar	- [kustur a]
conhecer	- [kuñese]
bonita	- [bunita]

- Em alguns casos, o [i] postônico, precedendo imediatamente a vogal final, é absorvido.⁽⁵⁾

Negócio	- [negɔ su]
Polícia	- [pulisa]

- Observa-se também que em posição átona final de palavra, como acontece na maioria dos dialetos do português, sõ encontramos as vogais monotongos [i, u, a]

de	- [di]
que	- [ki]
quase	- [kuaʒi]
onde	- [õ ⁿ di]
somos	- [samu]

b) Encontram-se muitos casos de afêrese. Alguns deles, como a redução de está para tá é comum a muitos dialetos do português, mas alguns casos sobretudo de suspensão de vogal i-

nicial, são mais peculiares: (6)

- Com as vogais átonas iniciais a e i:

aviamento	- [viamẽ ⁿ tu]
abandonaram	- [bã ⁿ donaɾãũ]
ainda	- [i ⁿ da]
acredito	- [kɾeditu]
acocho	- [kɔʃu]
abacateiro	- [bakateɾu]
aconteceu	- [kõ ⁿ teseu]
arrebenta	- [xebẽ ⁿ ta]
inhame	- [ñami]

- Queda da sílaba inicial:

coitadinho	- [tadʝiũ]
escotilha	- [kotʝiã]

- Aférese da sílaba átona inicial es, nas formas do verbo estar:

está	- [ta]
estava	- [tava]
estou	- [to]
esteja	- [teʒa]
espera	- [pɛɾa]

c) Por outro lado, alguns itens lexicais apresentam a prótese de uma vogal a, tornando a forma vocabular nesse dialeto diferente da de outros dialetos. Exemplos: (7)

resfriado	- [axesfɾiadu]
recolhimento	- [axekoĩmẽtu]
depois	- [adepois]

levantar	- [alevã ⁿ ta]
regula	- [axegula]
judiado	- [aʒud ^J iadu]
reparado	- [axepa ɾ adu]
recolher	- [axekoʎe]
ralava	- [axalava]
lida	- [alida]

d) Um fenômeno comum no dialeto caiçara e que o distingue fortemente dos dialetos "mais urbanos" é sem dúvida a síncope de vogais postônicas em vocábulos proparoxítonos, envolvendo sempre uma vibrante simples, como mostram os exemplos a seguir:⁽⁸⁾

árvore	- [a ɾ v ɾ e]
abóbora	- [ab ɔ b ɾ a]
fósforo	- [f ɔ sf ɾ u] [f ɔ sfu]
espírita	- [esp ɾ ita]

3. REDUÇÃO DE GRUPOS VOCÁLICOS:

Na língua portuguesa, em certos contextos como os descritos a seguir, encontram-se comumente variações de ocorrências de sílabas formadas por ditongos ou monotongos. No dialeto caiçara a forma única de ocorrência é a forma monotongada conforme mostram os exemplos abaixo:⁽⁹⁾

a) Diante de fricativa palatal em sílaba tônica (redução de ai a a):

caixa	- [kaʃa]
baixo	- [baʃu]
faixa	- [faʃa]

b) Diante de vibrante simples, em sílabas tônica (redução de ei a e):

primeiro	- [pɾimeɾu]
peneira	- [peneɾa]
cobreiro	- [kobɾeɾu]

c) Na palavra quieto, (redução de ie a e):

quieto	- [kɛtu]
--------	------------

d) Em qualquer posição (redução de ou a o):

outro	- [otɾu]
arrendou	- [axẽ ⁿ do]
trouxe	- [tɾoʃe] [tɾuʃi]
touceiras	- [toseɾas]
sujou	- [suʒo]
matou	- [mato]

e) Convém observar ainda que no dialeto caiçara a forma comum de ocorrência mostra uma vogal [i] átona em final de palavras, onde em alguns dialetos ocorre ditongo nasalizado [ẽĩ] ou outras formas:

passagem	- [pasaʒi]
vagem	- [vaʒi]
viagem	- [v ^j aʒi]
coragem	- [koɾaʒi]
linhagem	- [liɲaʒi]
homem	- [ɔ̃mi]

f) A terminação vogal [āũ] é pronunciada, na terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo, contrariamente ao que geralmente ocorre na fala popular. Exemplos:

tiraram	- [tiɾaɾãũ]
ficaram	- [fikaɾãũ]
pararam	- [paɾaɾãũ]
chamaram	- [ʃamaɾãũ]
buscaram	- [buskaɾãũ]

4. CONSOANTES:

a) Algumas palavras apresentam uma oclusiva bilabial sonora no dialeto caiçara, onde em outros dialetos encontra-se uma fricativa labiodental sonora. Exemplos: ⁽¹⁰⁾

<u>Forma ortográfica</u>	<u>caiçara</u>
avô	[abo]
prensava	[pɾẽˈn saba]
veio	[beiu]
lavando	[labãˈn du]
vida	[bida]
levanta	[lebãˈn ta]
aviamento	[abiamẽˈn tu]

b) Em posição medial e final absoluta ao l gráfico correspondem as seguintes realizações fonéticas: ⁽¹¹⁾

- pronunciado ɾ:

natural	- [natuɾaɾ]
sal	- [saɾ]
sol	- [soɾ]
tal	- [taɾ]
hospital	- [ospitaɾ]

volta	- [vɔɾ ta]
solteirão	- [soɾ teɾ ãũ]
última	- [uɫtima]
alguma	- [aɫguma]
falta	- [faɫ ta]
maltrata	- [maɫ tɫ ata]
planta	- [pɫ anta]

- vocalizado: (12)

Juvenal	- [ʒuvenau]
pessoal	- [pesoau]
Pontal	- [pontau]
florestal	- [florestau]
quintal	- [kĩ ⁿ tau]
Anselmo	- [ã ⁿ seumu]
caldo	- [kaudu]

- Nenhum segmento fonético:

Portugal	- [poɾ tuga]
afinal	- [afina]
civil	- [sivi]
(13) formol	- [foɾ mo]

c) É sistemática a apócope do r final nos infinitivos verbais dos buzianos: (14)

acabar	- [akaba]
ajudar	- [aʒuda]
internar	- [i ⁿ teɾ na]
sair	- [sai]

comer	- [kume]
amarrar	- [amaxa]

- O fenômeno se estende a outras terminações com r gráfico não infinitivos, de maneira irregular:

mar	- [ma]
senhor	- [seño]
investigador	- [i ⁿ vestigado ^ç]
lugar	- [luga ^ç]

d) Com relação aos vocábulos de origem tupi, quase sempre encontramos ocorrências com sincretismo de forma:

guarapa, garapa
 imbaiacu, baiacu
 ipi, ipim, aipi
 taiuoba, taioba

e) Como ocorre comumente em vários dialetos do português a realização de uma fricativa alveolar em final de palavras tende a não ocorrer, mesmo quando a fricativa é marca de plural. Escapam a esta regra, no entanto, as formas que estabelecem a primeira marca de plural dentro do sintagma, como os artigos, pronomes, etc. Observem-se os seguintes exemplos: ⁽¹⁵⁾

imos	- [imo]
três anos	- [t ^ç eizãnu]
as coisas	- [askoiza]
antes	- [ã ⁿ ti]
somos	- [samu]
trouxemos	- [t ^ç u ^ç se ^ç mu]
as touceiras	- [astose ^ç a]

f) É curioso observar que na fala dos buzianos, contrariamente às expectativas que alguém poderia ter a respeito desse dialeto, verificou-se que eles nunca reduzem a lateral palatal a um simples iode. Pelo contrário, tendem a realizar como lateral palatal seqüências de lateral alveolar seguida de [i] que costuma ocorrer em outros dialetos. Observem-se os exemplos abaixo:⁽¹⁶⁾

Filho	- [fiĩu]
filhinha	- [fiĩĩña]
lhe	- [ľe]
melhor	- [meľũ]
mulher	- [muľũ]

- Parece-nos que a justificativa para isso está no fato do falar dos buzianos se caracterizar de maneira muito marcante pela qualidade de voz palatizada, como veremos mais adiante.

- Registramos os exemplos abaixo na forma palatizada:

família	- [fãmiľa]
familiarizando	- [fãmiľa ɽizã ⁿ du]

5 . GRUPOS VOCÁLICOS

a) Metáteses envolvendo uma vibrante simples são comuns, como nas palavras abaixo:⁽¹⁷⁾

tábua	- [tauba]
tormenta	- [tɽomẽ ⁿ ta]
precisar	- [peɽsiza]
perguntar	- [pɽegũ ⁿ ta]

b) Como ocorre comumente em muitas variedades do português há uma forte tendência a não permitir que algumas consoantes ocupem a posição posvocálica. Por isso, palavras como as exemplificadas abaixo, têm sempre uma estrutura (C) VCV onde se poderia esperar uma estrutura sílabica do tipo (C) VC conforme insinua a forma ortográfica:⁽¹⁸⁾

admirar	- [adimiɾ a]
objeto	- [obiʒetu]
advogado	- [adivogadu]
corvina	- [kuɾ uvina]

B) CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO PORTUGUÊS CAIÇARA DOS BÚZIOS:

1. O falar dos Búzios, de modo geral, apresenta um grande número de palatizações em sílabas contíguas, tornando a fala fortemente marcada por essa propriedade. Poder-se-ia mesmo dizer que o traço de qualidade de voz mais marcante da fala caiçara dos Búzios é a palatização.

Nas transcrições fonéticas dos exemplos a seguir, a palatização aparece nos símbolos fonéticos que transcrevem os enunciados, principalmente com as seguintes consoantes:

[t^J]

- Tem deiz ñeto morto, o resto ta tudo vivo, tenho biñeto [t^Ja]
- Não tem nada, um pedaço de pau [t^Jẽ]
- Meu irmão que trouxe [tɛ̃^Josi]
- Já truxe a pranta do mato [tɛ̃^Jusi]
- Truxeram materiã(1), deixaram aí [tɛ̃^Juseɛ̃ãũ]
- truxe quatro ingradado [tɛ̃^Jusi]

[d^J]

- Num deu sabe, tem de sê(r) gente de sessenta ano pra assinâr(r) [d^Jeu]
- Tinha lã um fazendeiro [fazẽnd^Jeɛ̃u]
- Levô mai de oito dia sem remédio, sem ñada [d^Jia]

[ã]

- O home morreu sem recurso sem nada [ãada]
- nada, aqui nesse lugã é assim
- Não tem nada aqui não tem nada
- Empregado nunca trabalhei, nunca trabalhei empregado [ãunka]
- Aqui nada, aqui fica tudo parado, ninguém diz nada fica todo mundo queto nê.
- Eu ainda não paguei nada
- Agora o pessoau diz que sete em sete ano a taquara seca [ãño]
- Tem deiz neto morto, o resto tã tudo vivo, tendo bineto [ãẽ tu]
- 25 mais o meno o neto mais velho tem 15 ano.

[I]

- Foi lã em São Sebastião [ãa]
- É eu levo pra lã, levo pra lã
- A casa ali era do meu pai [aãi]
- Porque a gente vai leccionã(r) na Ilha dos Búzio [ãesiona]
- É de Andra dos Reis, pra cá Juatinga, por ali assim
- Aí o Nelo, o pessoau do abrigo [neãu]
- Demais alẽm de deixã(r) ele inda lebõ(u) tudo que podia [aãẽm]
- Ele tem muita coisa, pa lidã(r) num dã conta [ãida]
- Aquelazinha ali, lida iguã(l) a uma mulhẽ(r)
- De nailo [naiãu]
- Se quisẽ(r) ficã(r) co peixe eu levo lã [ãevu]
- Amanhã a hora que fõ levã(r) o peixe
- Sabia rezã sabe, lẽ(r) e sabia nadã(r) [ãe]
- O limo japones [ãimu]

2. A palatização a que nos referimos acima se caracteriza por deixar bem claro auditivamente a presença das transições palatizantes, isto é a presença de um glide palatal [j] entre as consoantes e as vogais.

Na presente pesquisa, observou-se que, de um modo geral, alguns contextos favorecem mais do que outros, a presença desse fenômeno de palatização. Parece-nos que o ambiente ideal para essa realização é diante de vogais anteriores altas fechadas, ou seja, diante de [i] e [e]. Exemplos:

A^j m^jeu d^jeu d^ju s^jẽ u

"Ai meu Deus do céu".

Outros exemplos:

- Isto aqui é o c^jedro [s^jedɾu]
- Quando não é P^jedro, quando não é Edinho é o P^jedro [p^jedɾu]
- Ainda é c^jedo [s^jedu]
- O Pedro Malas Arte foi pescã(r), caiu nas p^jedras [p^jedɾa]
- Não, mais p^jerto. [p^jeɾtu]

3. Uma característica muito peculiar da fala dos buzianos, certamente influenciada pela forte palatização típica do dialeto, é a ocorrência de fricativas palatais surdas ou sonoras em contextos de palavra, onde, em outras variedades do português, costuma ocorrer fricativas alveolares. Observem-se os exemplos a seguir:

<u>Forma ortográfica</u>	<u>caiçara</u>
trouxe	[tɾoʃi]
cinco	[ʃĩŋku]

cima	- [ʃima]
quase	- [kuaʒi]
sempre	- [ʃẽmpri]
mais	- [mais]
sim	- [ʃĩ]
sei	- [ʃei]
coisa	- [koiʒa]
existe	- [eʒiste]

Exemplos com fricativas palatais surdas:

- Meu irmão que troxe [tɾoʃi]
- Troxe a ela
- Já truxe a pranta do mato [tɾuʃi]
- Truxeram materiã(1), deixaram aí [tɾuʃɛrãũ]
- Passô na praia mansa e troxe a canoa do sogro
- Truxe quatro ingradado
- Aqui tem uns quatro o cinco [ʃĩnku]
- Ela foi im cima dele e ela puxô ca faca [ʃima]
- Conheço, nóis sempre pegava na rede aí [ʃẽmpɾi]
- Eu não precisava comprá peixe mais [mais]
- Parece que sim [ʃĩ]
- Inda vai levã o de vinte e dois pã sepultura disse
isso a ele [ʃepultuɾa]
- Ah, isso num sei, isso agora depende dela [ʃei]
- Ela que tá pagando, assim disseram [diʃɛɾãũ]

Exemplos com fricativas palatais sonoras:

- Agora quase num tenho mais pegado sabe [kuaʒi]
- Fiquei adoentado faiz quase um ano

- Eu quase lá num tenho me tratado sabe, remédio de médico quase num vô usá(r).
- Tamém já foi quase preso
- Quase sessenta família
- Mesma coisa [koi[✓]za]
- Sei po(u)ca coisa
- Pegando canoa aí pa mandã(r) alguma cosinha pra mim [koi[✓]zi[✓]ña]
- Não existe mais ninguém [e[✓]zisti]
- Puseram muita roça, roçaram. [pu[✓]ze[✓]ãũ]

4. Uma outra peculiaridade da fala caiçara dos Búzios é a troca da qualidade vocálica do fonema /a/ quando tônico e diante de fonema ou de arquifonema nasal, dentro de palavras. Como é sabido, é comum em muitos falares do português, a realização de uma vogal [ɜ] no contexto acima, em lugar de uma vogal [ã], que não costuma ocorrer.

Nesses contextos, no falar dos Búzios, o comum é a ocorrência de [a] oral, mais a nasal, como mostram os exemplos abaixo:

<u>Forma ortográfica</u>	<u>Caiçara</u>	<u>Outros dialetos</u>
/santos/	[sântus]	[sɜ̃ntus]
/banana/	[bãñãñã]	[banɜ̃na]

Outros exemplos:

- Nois gostamus [gostãmu]
- Toca e canta aí [kãnta]
- Vai comprã(r) em Santos [sãⁿtus]
- Meu avô é daqui da costa de Santos
- Tratamo feijão andante, sabe porque? [ãndãnti]

5. Em posição final de palavra, que não seja verbo, o [õ] ocorre em variação com [ãũ], transformando o ditongo em monotongo. (19)

sertão	- [seɾ tãũ] [seɾ tõ]
injeção	- [i ⁿ ʒesãũ] [i ⁿ ʒesõ]
colchão	- [kolʃãũ] [kolʃõ]
cação	- [kasãũ] [kasõ]
não	- [nãũ] [nõ]
cidrão	- [sidɾãũ] [sidɾõ]

Exemplos:

- Aqui de São Sebastião [sebastiõ]
- Esse que tá casado, pa criá(r) os irmão [iɾ mõ]
- Era um arranhão que tinha no braço [axaõ]
- Com o enxadão e uma mala [ênʃadõ]
- Porque aqui é tudo torão de lenha mas é grandão
[tuɾõ] [gɾãndõ]

C) A VARIAÇÃO INTERNA:

Um dos aspectos marcantes da situação lingüística da Ilha é o grau de variação presente em alguns aspectos da fonologia do falar.

Nossa intenção, ao começar o trabalho de campo, era estudar um falar "caiçara" que se considerava bastante isolado, dentro dos padrões da dialetologia. Pensava-se que um lugar como Búzios podia apresentar uma homogeneidade lingüística maior que outros lugares do litoral, principalmente devido ao seu isolamento geográfico, uma vez que a evolução lingüística está ligada à evolução social. O povo buziano vive alheio ao movimento renovador das cidades. A vida é sempre igual, parada e ao sabor da natureza. O isolamento conserva-os sempre na mesma rotina, sendo os contatos reduzidíssimos.

Se se acredita que existam comunidades lingüísticas homogêneas, onde todos os moradores, com pequenas diferenças, vivam de uma economia de subsistência, a pequena comunidade isolada da Ilha dos Búzios é uma candidata forte na procura da homogeneidade.⁽²⁰⁾ Porém, contra as nossas expectativas iniciais, verificamos que nem nesta comunidade encontramos uniformidade, mas ao contrário encontramos grande variação.

Acreditamos que a característica mais sobressaíle do falar caiçara seja a presença, quase constante, de um traço supra-segmental de palatização, entendida como propriedade da qualidade de voz desses falantes. Esta característica é marcante na fala de alguns buzianos e quase que totalmente ausente na fala de outros. Até o presente não conseguimos individuar nenhuma variável social em relação à intensidade ou à ausência desse traço de palatização. Na fala de uma informante, uma senhora de 55 anos, que passou a vida toda na ilha, notamos o traço de palatização em um grau notável, como no exemplo a seguir, que aliás já foi mencionado antes:

a^J m^Jeu d^Jeu d^Ju s^Jç u

"ai meu Deus do céu".

Na fala de outra informante, uma senhora de 56 anos, que passou a vida toda na ilha, cunhada e comadre da primeira, não encontramos nenhum traço de palatização.

Um rapaz de 16 anos, neto desta última informante e também da primeira, usa a palatização de maneira semelhante ao da primeira informante, embora com um grau menor de intensidade. Esta variação, foi um indício importante que nos chamou a atenção para uma investigação cuidadosa de outros tipos de variação da fonologia daquele falar.

Trataremos a seguir de dar alguns dos aspectos da fonologia que revela variações típicas, com os diferentes graus da presença de cada fenômeno. Para tanto, selecionamos 16 informantes de sexo e idade variáveis, procurando fazer o levantamento de todas as ocorrências em que esses fenômenos surgiram, através de textos com entrevistas livres e conversas dirigidas, previamente gravadas e transcritas, com o mesmo tempo de duração para cada informante.

a) vogal aberta tônica diante de nasal

total de ocorrências: 7

<u>Informante</u> ⁽²¹⁾	<u>Idade</u>	<u>Sexo</u>	<u>Nº de Ocorrências</u>	<u>Exemplos</u>
1 - A.O.	- 83 anos-	M	-2 ocorrências	(andante 2x)
2 - A.T.	- 80 anos-	M	-nenhuma	
3 - B.J.	- 80 anos-	M	-nenhuma	
4 - F.C.	- 78 anos-	M	-1 ocorrência	(Santos
5 - O.C.	- 68 anos-	M	-nenhuma	
6 - F.A.	- 68 anos-	M	-nenhuma	
7 - H.C.	- 67 anos-	M	-nenhuma	

<u>Informante</u> ⁽²¹⁾	<u>Idade</u>	<u>Sexo</u>	<u>Nº de Ocorrências</u>	<u>Exemplos</u>
8 - L.C.	- 56 anos-	F	-nenhuma	
9 - A.C.	- 55 anos-	M	-nenhuma	
10 - A.M.J.	- 50 anos-	F	-1 ocorrência	(andante)
11 - M.T.	- 50 anos-	F	-nenhuma	
12 - V.T.	- 35 anos-	M	-nenhuma	
13 - R.C.	- 33 anos-	M	-1 ocorrência	(Santos)
14 - M.A.	- 30 anos-	M	-nenhuma	
15 - O.A.	- 18 anos-	M	-2 ocorrências	(canta, gostamu)
16 - D.C.	- 13 anos-	M	-nenhuma	

Observação.: Para os próximos exemplos usaremos somente o número referente a cada informante:

b) Realizações de [õ] relacionados com [ãu]

Total de ocorrências: 33

- 1 - 1 ocorrência - (guardião)
- 2 - 2 ocorrências - (São, Sebastião)
- 3 - 1 ocorrência - (certidão)
- 4 - 5 ocorrências - (milhão, Sebastião, escuridão, sertão, injeção)
- 5 - 3 ocorrências - (enxada, arranhão, injeção)
- 6 - 1 ocorrência - (feijão)
- 7 - 1 ocorrência - (sertão)
- 8 - nenhuma
- 9 - 5 ocorrências - (injeção, colchão, irmão 3x)
- 10 - 2 ocorrências - (Som, Sebastião)
- 11 - 1 ocorrência - (irmão)
- 12 - 2 ocorrências - (torrão, grandão)
- 13 - 1 ocorrência - (camarão)

- 14 - 3 ocorrências - (comprão, limão, cação)
- 15 - 1 ocorrência - (Sebastião)
- 16 - 4 ocorrências - (então, não, cidrão, sertão).

c) Palatizações

total de ocorrências: 106

- 1 - 7 ocorrências - (sereno, esse, assim, nasceu, trouxe, desse, puzeram)
- 2 - 17 ocorrências - (nada 3x, nunca 2x, neto, bisneto, lã 3x, quase, coisinha, existe)
- 3 - 4 ocorrências - (trouxe, ali, lã, neto).
- 4 - 10 ocorrências - (ali 2x, lã 4x, lecionar, Nelo, quase, trouxe)
- 5 - 5 ocorrências - (ler, limão, não, cinco, fazendeiro)
- 6 - 10 ocorrências - (nada, lida, além, ali, ano, isso, disse, trouxeram, trouxe, cima)
- 7 - 8 ocorrências - (esse, sim, trouxe, neto, bisneto, nada 3x)
- 8 - nenhuma
- 9 - 6 ocorrências - (quase, disseram, trouxe, deu, idade, ler)
- 10 - 25 ocorrências - (Meu Deus do céu 3x, quase 2x, nada 9x, l 2x).
- 11 - 2 ocorrências - (ler, lida)
- 12 - 2 ocorrências - (trouxe, quase)
- 13 - 3 ocorrências - (sempre, mais, quase)
- 14 - 6 ocorrências - (trouxe, levo, leva, lã, levar 2x)
- 15 - 2 ocorrências - (coisa, nailo)
- 16 - 2 ocorrências - (trouxeram, coisa).

Apesar dos dados de que dispomos por enquanto somente nos permitirem constatar esses tipos de variação , pretendemos, no entanto, colher dados aproveitáveis para estudos futuros, tentando estabelecer relações entre essas

e outras variáveis lingüísticas que porventura forem encontrados e algumas variáveis sociológicas como, idade, sexo, estilo, etc.

Nossas observações podem contribuir acreditar - mos, para a crítica teórica da dialetologia tradicional que acredita na existência de pequenas comunidades lingüísticas uniformes.

NOTAS DO CAPÍTULO V - ASPECTOS FONÉTICOS

(1) - Gladstone (1975, pág. 81) afirma: "Considera Mendonça como de origem africana a semivocalização do i palatal (lhe na nossa grafia), que se observa na pronúncia popular de certas regiões do Brasil: muyê, por mulher; fiyo, por filho; paya, por palha etc.".

(2) - De acordo com Gladstone (1975, pág. 108).

(3) - O mesmo fenômeno ocorre na fala caipira e na fala popular brasileira. Quanto à fala caipira, Silvio Elia (1963, pág. 286) diz que a mesma coincide com a norma portuguesa, que poderá ser um arcaísmo conservado em condições especiais na parte norte do Estado de São Paulo.

Ainda segundo Mattoso Câmara (1975, pág. 42) a ditongação da vogal diante da consoante chiante na mesma sílaba, é grafia muito generalizada na nossa língua escrita.

(4) - Não se registrou, no falar buziano, nenhuma ocorrência de e inicial mudando para i nasal, como em exame - inzame, igual - inguã, tão comum na fala caipira e popular. Para Antenor Nascentes (1953) o i inicial isolado freqüentemente se nasaliza pela repugnância ao isolamento.

A anulação da oposição entre e e i e entre o e u, em sílaba pretônica, com a realização de i e u respectivamente, foi registrada por Mattoso Câmara quando analisava ditados e descrições executados por crianças de um colégio situado na Zona Sul do Rio de Janeiro (1975, pág. 40).

Por outro lado, também observamos o fenômeno contrário no falar dos buzianos, dizendo deretô(r), ceranda, ministro, vezinho, dereito, por diretor, ciranda, mi-

nistro, vizinho e direito. A esse respeito, ver Amadeu Amaral (1967, pág. 49).

- (5) - Este fenômeno é comum na linguagem popular, vejamos esta quadra:

Uma coisa eu vi ontem
Na ladeira da preguiça
Uma moça tão bonita,
Namorando dois puliça.

- (6) - Sílvio Elia (1963, pág. 286) afirma que há certa tendência para a aférese, principalmente nos falares do interior do país. A aférese do a é muito comum. Não se deve esquecer que a posição inicial está muito sujeita na língua falada a fenômenos de fonética sintática, pois há indecisão freqüente sobre se se trata de fonema inicial de uma palavra ou final de outra; daí falsas divisões vocabulares. Por outro lado, casos haverá de conservação de arcaísmos, sem que se esqueça o fenômeno fonopsíquico de deglutição.
- (7) - O Fenômeno deixou de se registrar em várias palavras tais como: levantã(r), registrã(r), depois, etc. Observe-se que a maioria das palavras onde ocorre a prótese é iniciada por r.
- (8) - Com relação ao vocábulo sprito, no dialeto buzia no temos a síncope da tônica, embora sendo a silba que comumente se manteria.
- (9) - Sobre esta redução assim se manifesta Gladstone Chaves de Melo (1975, pág. 82): "Acha Mendonça que foi por influência africana que os ditongos ei e ou se reduziram no Brasil a e e o (ê e ô) na grafia. Não nos parece tal. Reduções são comuníssimas no latim (cf. por ex. agustu - por augustu) e nas línguas românicas. Com respeito a redução ,

leia-se Nunes, Gramática Histórica Portuguesa, 2ª ed., Lisboa, 1930, de pág. 80 a 84, onde se mostra, com abundantemente exemplificação e documentação, que os ditongos "têm tendências e reduziram-se a simples vogais, ainda mesmo quando tônicos e assim efetivamente aconteceu por vezes a alguns, em épocas mais tardias nuns do que noutros" (pág. 80).

Com relação à anulação da oposição entre ditongo ou e o fechado, ver Mattodo Câmara (1975, pág. 41).

Todas estas reduções, ou seja, de ai a a, ei a e e ou a o, são comuns entre as pessoas que fazem uso da fala popular.

- (10) - A substituição de y por b é bem mais freqüente que a troca inversa, ou seja, b por y. Ex.:bisavô - visavô. Este fenômeno deixa transparecer a descendência portuguesa dos buzianos e vetígios lingüísticos do longo isolamento cultural.

- (11) - Com relação ao l, Gladstone Chaves de Melo (1975, págs. 106 e 107) acredita que primeiro se dá a transformação em r. segundo a cadeia: l→r→y, de tal modo que o acidente se dará apenas com o r. Esse fato é quase sempre esporádico, atingindo algumas palavras e deixando intactas inúmeras outras. A apócope do l final, que ocorre em vários pontos do Brasil, foi dada como fruto de influência africana; no entanto, não é despropositado observar que ela se deu também no Sul da Espanha.

- (12) - Sobre a tendência à vocalização do l velar posvo-cálico, que passa à semivogal u diz Mattoso Câmara (1975, pag. 41 e 42): aparece em "autas árvo - res", por altas árvores, "caução azul", por calção azul e ainda "impusso" por impulso, porque o l

vocalizado depois de u determina naturalmente a fusão de vogais idênticas. Da ultracorreção resulta - a cobra "ciovol" no ar. O esforço para manter o l velar posvocálico leva-o a ser pronunciado dental, e como o l dental é normalmente prevocálico, tem-se ainda outra ultracorreção: a cobra "silivou" no ar.

- (13) - O formol é muito usado pelos buzianos para embalsamar caranguejos e lagostas que são encontrados nas pedras ou vêm nas redes de pesca.

- (14) - Este fenômeno é muito comum na língua popular, atinge sistematicamente o r final, em qualquer caso, e é da fala de todos no dialeto do Nordeste brasileiro, onde pode alcançar o r fechando sílaba no interior do vocábulo: sinhô, sabê , etc. Cabe aqui informar mais uma vez que os buzianos não fazem uso do r caipira.

- (15) - Nada mais é do que a extensão da perda do s desinencial, assunto estudado mais detalhadamente no capítulo referente à Morfologia. A este respeito, ver Mattoso Câmara (1975, pág. 43).

- (16) - O l palatizado (lh) constitui uma dificuldade para a classe inculta, por uma razão etnográfica. A dita classe, era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas, tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes (Nascentes, 1953, pág. 49).

- (17) - Este fenômeno não é sistemático, aparecem as formas precisa e precisou, sem que houvesse o

deslocamento do r.

A metátese é muito comum na linguagem popular:
Ex.: drumi(r), vrido e trocê(r), por dormir ,
vidro e torcer.

- (18) - Renato Mendonça (1935, pág. 122), atribui estes casos de suarabãcti da linguagem popular à influência africana, dizendo Culáudio por Cláudio, Quelemente por Clemente, fulô por flor.
- (19) - Parece-nos que este fenômeno de monotongação indica resquícios de linguagem arcaica, subsistindo ainda em algumas regiões de Portugal, conforme Euclides Carneiro da Silva (s/d, pág. 14): Cantiga de Garvaia:

No mundo non me sei parella
Mentre me for como me uay ca ia moi
ro por uos e ay, mia sennor branca e
uermella, queredes que uus retraya.
Quando uus eu uj en saia. Mao dia
me leuãtey, que uus enton non uj
fea

Em Boléo (1973, pág. 8 e 9), encontramos nesta cantiga de escárneo medieval:

Jujão, quero contigo fazer,
se tu quiseres, ũ entençon;
e querrei-te na primeira razon
ũa punhada muí grande poer.

- (20) - A este respeito ver: John J. Gumperz (Language in Social Groups, pág. 97 - Types of Linguistic Communities (1962) and pág. 114 - The Speech Community (1968).
- (21) - As fichas dos informantes constarão da última parte do trabalho, como anexos.

VI - ASPECTOS MORFO-SINTÁTICI
COS

VI - ASPECTOS MORFO-SINTÁTICOS

Com relação à concordância do falar buziano, um fato bastante comum com relação ao plural é a invariabilidade do verbo e do substantivo.

Apesar do buziano saber distinguir os dois números, geralmente não se serve do processo gramatical da alteração de desinência, mas recorre ao determinante - artigo, flexionando-o.

O grau é a flexão de maior vitalidade na linguagem dos buzianos, usam e abusam mormente do diminutivo, que fica associado à linguagem afetiva.

Os verbos, às vezes apresentam, num mesmo tempo, duas desinências pelas quais se opõe a primeira às de mais pessoas. No caso do verbo estar, no imperfeito do indicativo, chega a possuir uma só forma para todas as pessoas.

Na concordância, esta tendência simplificadora é muito marcante, como ocorre em certas frases do falar buziano, onde acontece a invariabilidade também de gênero, em frases como: Ela saiu sozinho.

Cabe aqui dizer que esta simplificação das flexões verbais e nominais (número), constitui a nota típica da linguagem popular brasileira.⁽¹⁾

A) MÓRFICOS

1. Concordância - em geral o nome não recebe a marca do plural, ficando invariável. Em alguns casos somente o artigo é flexionado e em outros até mesmo ele pode deixar de flexionar-se.
 - Faiz uns treis ano.
 - Fartava ais veiz dinheiro.
 - Ela divia pensã(r) que tem filho sorteiro pra dividi as coisa.
 - Eu tenho sete bi(s)neto.
 - Foram imhora nu tempo que arrecolheram os japones.
 - Tenho sete filho casado.
 - Trinta e poucos ano que parei de pescã.
 - Meus irmão naceram lá tamem.
- O mesmo fato ocorre com as marcas verbais de plural:
 - Esse todo é sessenta conto.
 - Eu tenho seis, era doze mas morreu cinco.
 - Sabão assim sete conto, dois pedaço lá vai quatorze conto.
 - Não posso nem falã(r), com dezoito ano morreu tudo os dois sabe, morreu os dois irmão.
 - Eu acho que a idade tã muito grande e os filho tã muito pequeno.
 - Morreu as toceira de taquara.
 - Tudo é setenta família.
 - Adespois que aconteceu isso no seu Nelo acabou-se os Búzios.
- Em alguns casos, nas posições adjetivas não se estabelece concordância em gênero e número com o sujeito, mantendo-se os adjetivos no masculino singular e suprimindo-

se a indicação de plural do substantivo, se redundante.

- A pesca é perigoso.
- Nove filho home(m), num tinha nenhuma mulhê(r), o derradeiro criei essa neta quê minha filha.
- Banana mala cozida fica gostoso.
- A tainha quando cisma ca rede ela vorta t^udi^uinho.
- Ela saiu sozinho.

2. Encontramos neste falar um grande uso do sufixo diminutivo zinho, que ora se junta ao substantivo, ao adjetivo, ao numeral ou ao pronome demonstrativo. Seu emprego pode ser: ⁽²⁾

a) afetivo:

- Ela tem umazinha com dois ano.
- Uma casinha iguã(l) essazinha iguã(l) essa minha aqui.
- Intê o meninozinho dela tã aí e doizinho tã lá.
- Aquelazinha ca comadre tem foi daquela menina qu'ela morreu sabe?
- Sô essazinha que num sabe ainda e aquelazinha tamém.
- Sabe que o meninozinho ficô bom.
- Vo(u) cantã(r) um versuzinho bunitinho pã sinhora.
- Foi indo, labei com aquela água^zinha de erba, de arruda e fui labando.

b) enfático:

- Tem que escolhê(r) os grande que miúdo num serve, essezinho assim maior.

- É bonzinho o home(m).
- A mandioca pão do céu é amarelazinha.
- Ele fica o ano int(e)irinhozinho aqui.
- Não sinhora, nenhum, ninhunzinho.

3. Flexões Verbais:

a) Pessoa - às vezes usa-se a 3^a pessoa do singular no lugar da 1^a pessoa do singular:

- Por causa disso que eu não sai daqui.
- E eu trabalhô(u), quando fui de noite pegava assim pra puxã(r).

b) Número - O plural da 1^a pessoa perde o s. Ex.: fômo, bamo, fazemo, truxemo. Conforme já mencionado anteriormente, no item 1. Concordância, é uma extensão da perda do s desinencial.⁽³⁾

- Hoje pesquemo por causa do vento, nê.
- Levemo quase duas hora, asseguemo nu bote se largasse du bote já era.
- Comemo, eu gosto de peixe.
- Já cumpremo dois motô(r) mas num presta nenhum.
- Nôis se infezemo, nôis imo lã pra num abri mais aula, imo pra Ilhabela.

Quando a forma é proparoxítona se identifica com a do singular. Ex.: nôis fazia, ia, andava, fosse.

4. Modos e Tempos:

a) O futuro só apresenta uma forma, porém tende nitidamente a ser substituído pelo presente do indicativo: se eu amã(r), se eu parti(r), mais frequentemente: se eu amo, se eu parto.

- Só deixo ele algum dia quando ele morrê(r) se eu morrê(r) adiante.

b) Na subordinada com uma condicional, há o uso do presente do indicativo no lugar do futuro do subjuntivo:

- Amanhã se dá peixe na rede se quisê(r) ficã(r) com peixe eu levo lá.

c) O verbo ser aparece empregado com o particípio do verbo nascer:

- A minha mãe é filha daqui, foi nas(s)cida aqui.
- Na(s)ceu aqui, foi na(s)cido o pai do meu pai e a mãe de meu pai foi na(s)cida aqui.
- Eu fui na(s)cida aqui.

d) O verbo pôr apresenta a variante punhar:⁽⁴⁾

Em todos os casos observados o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito ficara: punharam, punhavam:

- Po(u)sava num lugã(r) ansim bem aventilado e punhavam o fogo imbaixo.
- Pois é, punhava na bandeira e saia.
- Punharam mas num adiantava mais, taba muito queimado.
- Então o português quando achô(u) o Brasil ele punharam guerra com os Índios.

e) Emprego do indicativo na oração subordinada substantiva objetiva direta, com verbos que indicam desejo ou pedido:

- Meus filho qué qu'eu vô(u) imbora pra Santos.

f) Nota-se o emprego do verbo fazer em frases referentes a tempo ao invés do verbo ficar, certamente pelo cruzamento da expressão fazer bom tempo:

- Vou deixã(r) o tempo fazê(r) bom, pa pescã(r).

- Agora num dá pa pescã(r), deixa o tempo primeiro fazê(r) bom.

4. Pronomes:

Às vezes o se encontra-se em substituição ao pronome pessoal oblíquo da 1^a pessoa do plural. (5)

- Nôis se infezemo, nôis imo lâ pra num abri mais aula, imo pra Ilhabela.

Pouco - flexiona-se em número:

- Rio de Janeiro, tive agora há poucos tempo.
- Trinta e poucos ano que parei de pescã(r).
- Agora há poucos dia mordeu aí no cachorro.

B) SINTÁTICOS

1. Concordância verbal - quando o sujeito é coletivo, o verbo quase sempre aparece no plural: ⁽⁶⁾

- Depois que a mãe dele morreu foi que todo mundo ficaram com medo.
- Até a Pulícia de São José tiveram aqui.
- É, brigaram muito, o pessoau aqui são muito fofoqueiro.
- Não quero, de jeito nenhum, que vão dizê(r) o pessoau.
- Aí pra São Sebastião tem gente que sabe fazê(r), e fazem mesmo, mas eu nunca ví.
- O pessoau da Ilhabela só querem pa ele.

2. Alguns verbos assumem regência diversa daquela que têm no português padrão:

- Até julgam mã pa ele coitadinho do home.
- Adespois que aconteceu isso no seu Nelo acabou-se os Búzios.
- Mas assim ninguém dá valô(r) nela.

3. Regência Verbal com objeto direto preposicionado, com a preposição com, ao invés do padrão especial admitido pelo objeto direto, ou seja, a preposição a:

- Ele foi im cima dela e ela puxô(u) ca faca.
- Eu nunca levantei ca mão pa dá(r) neles.

4. Regência Verbal de feição partitiva: ⁽⁷⁾

- A cobra mordeu no menino.

- Os borrachudo mordeu nele, mordeu, feiz ferida.
- Agora há poucos dia mordeu aí no cachorro.
- Ele pediu casamento na minina.
- Quase pegô(u) no menino.

5. Verbo ir com a preposição a. Regência à moda lusitana.

- Eu que sou professô(r) vou a namorã(r) você, não vou ensinã(r), vou a namorã(r).

6. Verbo saber com a preposição de, significando não ter conhecimento. ⁽⁸⁾

- Eu não sei do nome.

7. Pronomes retos como objeto direto anteceditos da preposição a: ⁽⁹⁾

- Eu conhecia muito a ele.
- Então você conhecia a ele, é?
- Levô(u) a ele lá no cadomblê.
- Mas ela não quẽ sabê(r) quẽ traí a ele.
- Depois que cavocã tem que dividi a ela.
- Me dizê(r) que tinham queimado a ele.
- Diz que num viu a ele.
- Essa moça num viu a ele.
- Porque eu amo a ela bastante, num brigamu.
- Eu chamei a ele pra tomã(r) café.
- E os índio diz que cumeram a eles lá.
- Quando vim pra cá trouxe a ela.

8. Em todos os casos registrado o verbo dever foi usado com a preposição de.⁽¹⁰⁾

- Essa noite, devia de ser seis hora, era noite já.
- Deve de ser.
- Não se importa, isso devia de dá uma bronca.

9. Adjunto Adverbial de Limitação, uso da preposição com no lugar de de.

- Ele tã ruim cas pernas.

10. Advérbios de Modo - foram registrados somente dois advérbios terminados em mente.

- Pra furã(r) um forno desse leva seguramente uns quarenta ou cinqüenta ano.
- Eu vivo aqui primeiramente conforme tã escrito aí.

11. Substituição de Advérbio - Adjetivo na forma arcaica ao invés do advérbio mal.

- Cozida num saco de linhage, mala cozida ansim.
- Banana mala cozida fica gostoso.

12. Preposição em regendo o complemento dos verbos de movimento:⁽¹²⁾

- Ele foi lá na casa do Seu Hildo.
- Ele foi na cidade de São Sebastião, lá em São Sebastião.

13. Verbo ter usado impessoalmente, em vez de haver.⁽¹³⁾

- Tem muita gente lá ainda.
- Tem um pessoau que gostam de brigar.

NOTAS DO CAPÍTULO VI - ASPECTOS MORFO-SINTÁTICOS

- (1) - Sobre este assunto diz Gladstone Chaves de Melo (1975, pg. 103): "Porque a redução de flexões na fala popular brasileira representa um desvio e não o termo de uma evolução, ela pode ser corrigida. E é na verdade o que acontece. À medida que se eleva na escala social ou que recebe instrução, vai o negro, o mulato, o matuto ou o urbano atrasado falando melhor, flexionando os nomes e os verbos. Verifica-se com muita freqüência o fenômeno entre as alunas roceiras dos colégios do interior. Ficam elas não raro expremin-do-se melhor que muita gente culta".
- (2) - O sufixo ito não foi registrado no falar buziano.
- (3) - Serafim da Silva Neto (1953, pg. 208) afirma: São dos mais complexos e debatidos os problemas referentes ao s final. A queda do s final, que ocorre em pire, lâpi, embora própria do Brasil, parece-me que se deve à influência africana (Gladstone, 1975, pg. 107).
- (4) - É um brasileirismo usado na fala popular (Antonio de Moraes Silva, 1955).
- (5) - Fenômeno comum na fala popular. As peças de Plínio Marcos estão repletas de exemplos, vejamos: Um dia a gente se invocou. Esse dia foi hoje. (1978, pg. 62).
- (6) - Encontramos esta particularidade, igualmente, no falar caíçara e do povo português, e vem de longe, como provam numerosos exemplos literários. Vejamos um de Camões (Lus., I, 38):

Se esta gente que busca outro hemisfério,
 Cujas valias e obras tanto amaste,
 Não queres que padeçam vitupério.

 (Amadeu Amaral - 1976 - pg. 74).
- (7) - A regência verbal de feição partitiva se encontra na linguagem culta lusitana: ... "Uma destas noites cri-

minais que Job teria amaldiçoado, com o céu luarento a peneirar lama e o frio a morder na orelha como bico de corvo a derriçar um cadáver. (Aquilino Ribeiro, cap. 12 - pág. 308).

- (8) - Vejamos mais um exemplo: "Não sei de lugar onde os homens de letras não se juntem em blocos..." (Valdemar Cavalcanti, *Jornal Literário*, José Olympio, Ed. Rio, pág. 3).

- (9) - Celso Cunha (pág. 290) registra alguns exemplos do emprego de pronomes retos como objeto direto:

"Não sei se elas me compreendem
nem se eu as compreendo a elas".

(F. Pessoa, OP. 160).

"Temia-a, a ela, a mulher que o guiava".

(G. Rosa, PE, 126).

- (10) - Antonio de Moraes Silva, no *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, pág. 23, registra as seguintes frases: Devia de ser assim. Deveu de encontrar algum es torvo.
- (11) - Este advérbio foi usado por um dos dois únicos informantes adultos alfabetizados na Ilha dos Búzios.
- (12) - De acordo com Gladstone Chaves de Melo (1975, pg.97), a preposição em regendo o complemento dos verbos de movimento, encontradiça no português popular e na fa la caiçara dos buzianos, coincide com a língua do sê culo de quatrocentos.
- (13) - O uso do verbo ter impessoal com sentido existencial (haver) é um fato corriqueiro no nosso ple beu.
Sobre este assunto ver Mattoso Câmara (1975, pág. 46).

VII - ASPECTOS LEXICOLÓGICOS

VII - ASPECTOS LEXICOLÓGICOS:

A linguagem humana é um fato social e as mudanças sofridas pelos hábitos lingüísticos de um gruponão se explicam senão no quadro das transformações da sociedade em geral. É engano pretender separar uma língua do seu meio, sem o qual não se compreende⁽¹⁾.

O mundo dos habitantes da Ilha circunscreve-se a atividades de todo o dia: em geral dizem respeito à agricultura ou à pesca, e ao labor profissional pouco variado, refletindo-se no vocabulário do falar local, não muito extenso, contudo suficiente para atender as necessidades de expressão, de acordo com a sua maneira peculiar de viver, tanto material quanto espiritualmente.

Basicamente, o léxico dos buzianos é composto de elementos vindos de duas procedências:

- a) elementos do português trazido pelos colonizadores no século XVI e séculos sucessivos. Encontramos muito vocábulos que devido ao isolamento regional, e aos poucos contatos com o continente, conservam a forma mais antiga, já desaparecida da língua padrão. Este fenômeno repete-se na fonética e na sintaxe. Citamos agora alguns exemplos de vocábulos arcaicos: de prime(i)ro, modinha, imo, vamo, quaji, irmom, despois, dereito, fruta, derradeiro⁽²⁾.
- b) elementos de origem tupi, dando nome principalmente ao que se refere a artesanato, animais, vegetais, utensílios, etc.

Exemplos: caiçara, tipiti, arataca, abacaxi, aruêra, guandu, mandioca, mussurana, urubu⁽³⁾.

Todos estes vocábulos estão relacionados no léxico, com a devida conceituação e abonação através de exemplos.

VOCABULÁRIO

Para a elaboração do vocabulário, que não tem a pretensão de ser completo, uma vez que aqui não houve a preocupação de indicar todos quantos constam de nossas notas, somente ressaltamos o que parece ser mais comum do falar buziano. Registramos além das palavras e das locuções próprias do falar local, aquelas palavras e locuções não dicionarizadas.

ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Inicialmente registramos os vocábulos em ordem alfabética, na sua ou suas formas dialetais mais frequentes, na maneira como se pronunciam e em versal.

Logo após a marca gramatical do vocábulo, virá a conceituação, sinônimos, alguns aspectos etnolinguísticos e por último a abonação da palavra, nas frases onde as mesmas ocorreram, entre aspas, e acompanhadas das iniciais dos informantes.

TABELA DAS ABREVIATURAS

adj.	-	adjetivo
adv.	-	advérbio
f.	-	feminino
int.	-	intransitivo
loc.adj.	-	locução adjetiva
loc. i.	-	locução idiomática
loc.v.	-	locução verbal.

m.	-	masculino
n.	-	numeral
prep.	-	preposição
pron.	-	pronome
pron.trat.	-	pronome tratamento
s.	-	substantivo
t.	-	transitivo
v.	-	verbo

ABOBRA, s.f. - abóbora; fruto de aboboreira, muito usada nos Búzios, principalmente para preparar o quibebe. "Este ano colhemo(s) abobra grandona que tinha vinte e trinta quilo(s) cada uma". L.C.

ADESPOIS, ADEPOIS, DESPOIS, prep. - depois. "Adespois que acconteceu isso no seu Nelo acabou-se os Búzios". A.M.J. "Adepois que caiu sabe, deu vento pesado, intão istragô(u) as paredes da frente". L.C. "Adepois deixei , mi meti na roça". O.C. "E despois não achei o resto não achei jeito de trabalhã(r)".

ALIDA, s.f. - lida, trabalho. "Aqui ela que alida na casa". M.T. "Ela que dá conta da casa, aquelazinha ali alida iguã(l) a uma mulhẽ(r) já de idade". M.T.

ALUMIÃ(R), v.t. - iluminar; dar luz a. "Truxe vela aí pra ce alumiã". F.C. "Lã era vela que alumiava". F.C.

ANSIM, adv. - assim. Forma popular em todo o Brasil com o a nasalizado. "Era desse tamanho, a boca era ansim". A.C. "É longe, de canoa é longe, o tempo ruim que anda ansim". M.T.⁽⁴⁾

ANTESONTE, adv. - antes de ontem. "Eu tamẽm, antesonte eu fui na roça". L.C. "Antesonte dentro di casa eu taba lã na cuzinha, tava dibuiando feijão quando, dibuio di noite pa cuzinhã(r) di manhã". L.C.

ARATACA, s.f. - Faz parte do aviamento utilizado para fazer a farinha de mandioca, é uma prensa rústica usada

para cochar a massa verde da mandioca no tipiti, é constituída por um tronco de árvore com uma tábua pendurada na ponta, completamente cheia de pedras enormes a fim de se obter a necessária pressão. Este tipo de presa está caindo no desuso. "Hoje im dia lá nos Búzio ninguém mais usa prensa de arataca". "Caiu uma pedra de lá rebenta tudo". J.C.

ARQUÊ(I)RE, s.m. - medida de volume que equivale a 40 litros. "A gente faiz a meio arquê(i)re, quando farta a gente torna a fazê(r)". A.C.

ARRIGULÁ(R), v.t. - regular. "Ele arrigula a minha idade, aquele home(m) lá". A.T.

ARRECOLHÊ(R), v.t. - guardar; arrecadar; recolher. "Foram imbora no tempo que arrecolheram os japones". O.C. "Eu acho que não porque já foi arrecolhido, foi comprado tudo". O.C.

ARREZISTRÁ(R), v.t. - registrar o nascimento dos filhos . A maioria dos moradores da Ilha, principalmente os mais velhos, não foram registrados nem sabem ao certo a sua idade. "Ela nem certidom num tinha nesse tempo, num era arrezistrado sabe, depois quela casô(u) foi que tiraram certidom, tiraram trocado, ela tem idade muito grande". L.C. "Depois de velha que me arrezistei, depois de velha" A.C.

ARUBU, s.m. - urubu; gênero de aves rapinadoras da família dos Catártidas. "... entom o arubu disse ansi, então o arubu diz po sapo". D.C. "O arubu botô(u) a viola nas costa desgraçou-se po céu". D.C.

ASSENTÁ(R), v.int- sentar-se, tomar assento. "Eu levava um saco de linhage, forrava, eu assentava ela sabe, aí trabalhava, trabalhava". A.C.

ATRASADO, adj. - que ficou atrás. "Faiz uns deiz ano atrazado, é do Batuíra. F.C.

AVIAMENTO, BIAMENTO, s.m. - apetrechos que possibilitam o fabrico da farinha de mandioca. "... assim mesmo sabe,

fiz treis roça num tinha aviamento, pedi aviamento pro meu irmom..." "a mulhê alugô abiamento, pegava ela a ca negã mandioca..." A.C.

AZU(L) MARINHO, s.m. - prato típico, feito com banana nanica verde e peixe. "Cuzinha prime(i)ro a banana verde cum tempero, depois qua banana tã cuzida tem que tirã(r) a banana otra veiz, põe o peixe, deixa cuzinhã(r) e mistura tudo. A.C.

BAIRRO, s.m. - Bairro de São Francisco, localidade histórica pertencente ao Município de São Sebastião. É o local onde os buzianos ficam quando vão para o continente. "... onte viajô(u) pro bairro". O.C. "Ele não na(s) ceu aqui, é do bairro, na(s) ceu no bairro". M.A. "Agora no bairro eu tenho muita gente". M.A.

BANDONÃ(R), ABANDONÃ(R), v.t. - deixar; desamparar. "Bando naram tudo, ficô(u) lâ, inda tã lâ o lugã(r) du enge nho, o Poço tã fechado mais é dele tem muito herdeiro lâ". A.O.

BANHA, s.f. - gordura do lagarto, muito usada nos Búzios para curar mordida de cobra. "Então peguei um po(u)co dessa banha de lagarto puz ansim num po(u)co de arroiz que tinha ficado da noite, mixi assim puiz água e levei lâ". L.C. "A gente derrete, é dois pedacinho assim que tem por dentro, então a gente tira, corta, e lava na hora, iscorre todo aquele sangue e fica amarelinho, põe dentro duma lata e derretetudo, chama inxũndi di lagarto. Tamém pa criança que tã saindo dente a gente passa na gengivezinho da criança, é só dã(r) deiz gotas num copo de água morna que num instante sara". L.C.

BENZÊ(R), v.t. - deitar a bênção a. "O benzimento tudo que abenzo já mi esqueci tudo, meu benzimento olha bou indo, bou indo pa benzê(r) dum cobre(i)ro, dum olha do, dum impinge, benzê(r) dum peito eu levo duas hora, treis hora pa ma lembrã(r). A.C.

Benzimento de cobreiro:

"cobra, cobrão
 aranha, aranhão
 sapo, sapão
 grilo, grilão
 bicho de toda nação
 bicho de toda nação
 Ave Maria , Ave Maria, Ave Maria". A.C.

Benzimento de cobreiro muido

"Vim de Roma sinhô(r)
 que doença por lâ
 cobre(i)ro senhô(r)
 com que se cura
 com água da fonte
 raminho do monte
 só num cura pedra". A.C.

BODOQUE, s.m. - Arco para atirar bolas de barro ou pedras para matar passarinhos. No sul recebe o nome de esti - lingue. "Isso é bodoque para matã(r) passarinho".A.M.J. "Eu matei muito passarinho caquilo, ainda tenho uma bo docada aqui". J.C.

BOTÃ(R) PANEMA, loc.v.- botar feitiço. "Tinham levado esse pessoã(l) lâ pa botã panema na casa dela, num sei que panema é essa, botã(r) olho gordo, num que vá lâ". L.C.

BOTÃ(R) SINTIDO, loc. v. - prestar atenção; observar. "É a pedra da vigia, diz que ficavam lá nê, botando sinti do in navio, pa fazê sinau quando o navio passava, o meu sogro contava". L.C.

BOTÃ(R) SOPRO, loc.v. - botar feitiço. "... aí ele me deu um assopro im cima di mim ficô(u) co ódio de mim cantã e me botô(u) a coisa um assopro que me sartô(u) im cima sabe, e eu fiquei no fundo da cama, ficô(u) com raiva porque eu cantava ansim pã filha sorteira que ele tinha:

Maria Costa
 cabelo de bem-te-vi
 pretende casã(r) a filha
 nem que seja no civi(l)". A.C.

BUNITO, s.m. - bonito, peixe do mar. Um japonês que morou nos Búzios desenvolveu uma técnica para defumar o bonito. "É pra lá, era fábrica de bunito, fábrica". O.C.

CAÇÃO, CAÇOM, s.m. - designação geral dos peixes cartilaginosos da ordem dos Seláquios, à exceção das raias. "Cação, curuvina, tudo peixe todo o tipo de peixe que vem na rede ele morre". M.A. "Tira caçom, o Sr. gosta de caçom?". M.A.

CALDE(I)RADA, s.f. - comida típica. "Banana verde com peixe, cebola, azeite, põe o peixe, deixa fervê(r) bem, depois põe um po(u)quinho de água, põe a banana e deixa cozinhã(r) pa cumê(r)". A.C.

CANALHÃ(R), v.t. - fazer uma ação própria de canalha. "Que nem essa mulhê(r), é judiã(r) do marido, i canalhõ(u) e sujô(u) u marido uma coisa que presta, mas eu não". A.C.

CANOA DE VOGA, s.f. - Canoa feita de um só tronco de árvore, que possuiu grande capacidade de carga. "É uma voquinha aquela canoa lá aquela que tem uma casinha em cima". V.T. "A voga na proa tem a bordadura". J.C.

CARAGUATÃ, s.m. - nome dado a várias plantas da família das Bromeliáceas. "É pra curã(r) a tosse". A.T.

CAREZA, s.f. - Carestia. "Agora tá uma careza muito grande, sabão assim sete conto, dois pedaço lá vai quatorze conto". L.C.

CARQUEJA, s.f. - Designação de várias plantas medicinais da família das compostas. Nos Búzios é usada como remédio pro fígado, estomago e disenteria. "Esse matinho aqui chama-se carqueja, eu faço chá dela, eu fiz o chá e milhorei, milhorei até agora". L.C.

CASA DE FARINHA, s.f. - o mesmo que aviamento. "Vai assentã(r) lá onde é o o(u)tro, lá na casa de farinha, lá". M.A.

CEDRO, CIEDRO, s.m. - nome dado a várias árvores. Nos Búzios existe bastante madeira deste tipo. "Isso aqui é cedro, é ciedro". M.A.

CERANDA, s.f. - ciranda; dança popular com trovas. "Então teve uma ceranda no céu; o arubu diz po sapo: ô compadre, vamu numa ceranda no céu uma ceranda muito boa". D.C.

CIDRÃO, CIDROM, s.f. - erva muito usada nos Búzios para fazer chá. Este chá é tomado principalmente pelas pessoas que possuem pressão alta. "Quando tô(u) assim vou lá no médico nê, ele mede a pressão, já tô(u) com a pressão muito alta, então já tomo esse chá sabe". L.C.
"Chá de cidrom". D.C.

COBRA JARACUÇU, s.m. - Jararacuçu. Cobra da família das crotálidas, da qual existem muitas variedades. "Incontrava aquela jaracuçu muito grande atravessada no caminho". O.C. "Num deu tempo porque o jaracuçu mordeu muito, ismigaiô(u) ele". L.C.

COCHÃ(R), v.t. - prensar; espremer. "A gente colhe aquela folha dele de(i)xa ela murchã(r) um po(u)co e então depois destala ela e cocha, cocha". A.O.

CONSERTÃ(R), v.t. - limpar; preparar o peixe, escamando-o e tirando-lhe os intestinos. "Vou consertã(r) ele pra você". L.C.

COTILHA, s.f. - escotilha; abertura no convés do navio .
"Passô(u) um sudoeste bravo aí nas cotilha". O.C.

CRE(S)CIDA, s.f. - talvez este substantivo tenha-se formado por analogia com subida. "Pararam de fazê(r), porque a taquara ficô(u) só prá cre(s)cida aí no mato". A.Q.

CURADEIRA, s.f. - pessoa que cura sem título nem habilitação. Nos Búzios quase ninguém mais benze. "É, a curadeição".

ra me falô(u)". L.C.

CURTA DE VISTA, loc.adj. - diz-se quando a pessoa tem problemas com a visão. "Taba brincando ca boneca quando ela feiz ansim ca faca na cabeça da boneca a ponta da faca foi nos olho, é curta de vista sabe, ela só inxerga com um". A.C.

CURUVINA, s.f. - corvina; peixe muito encontrado na região, peixe de fundo. "Cação, curuvina, tudo peixe, todo o tipo de peixe que vem na rede ele morre". M.A.

DERRADEIRO, adj. - último; final; que vem atrás. Palavra arcaica, pouco usada no Brasil, mais usada em Portugal. "Nove filho hôme(m), num tinha nenhuma mulhê(r), o derradeiro criei essa neta quê minha filha". L.C.

DESAFORÃ(R), v. - torna-se insolente; atrevido. "...agora nóis que somo pais de família não podemu(s) desaforã(r) de ninguém nê?, em po(u)co dia já quê desaforã(r) no lugã(r)". A.C.

DISCANSÃ(R), - usado no sentido de ter conhecido, ter enterrado. "Olha eu discansei o meu avo, discansei meu pai, discansei mãe, a minha bisavô, meu abo. Eu discansei muita gente sabe, mas muita gente não foi do meu tempo. Dicansei a minha sogra que morreu agora há pouco dia". A.C.

DIBUIÃ(R), v.t. - esbagoar; descascar, debulhar. "Antesonte dentro de casa eu tava lã na cuzinha, tava dibuiando feijão quando, dibuio di noite pa cuzinhã(r) di manhã". L.C.

DOS, num. - dois. "...anda arrastando os dos quarto". A.M. J. "Eram bonzinho os dos". P.

EGISTI(R), v.i. - existir. "Nu meu tempo num egistia, mas tinha gente preta, minha mãe me contava". A.C.

EMBARRIADO, s.m. - barreado. Uma das poucas formas de trabalho em forma de mutirão existentes na Ilha. O barreamento é feito nas paredes das casas de pau a pique

com barro batido e pisado, retirado do terreiro. "Depois molha o chão faiz aquele angû e toca na parede depois arreboça em cima tâ bom, chama o pessoã(l), compra beu bida, faiz um café e barreia a casa". J.C.

ENTREVADO, adj. - aquele que não se pode mover; tolhido ; paralítico. "...ficã entrevado aí quem é que vai, ninguém liga, que é que vai arrastã(r) bô*i*". A.M.J.

ESCAPÃ(R) DE, - livrar; salvar. "Mas eu até escapei de morrê(r) graças a Deus". A.C. "Não, escapô(u) de pegã(r)". O.C.

ESCORÃ(R), v.t. - suportar; resistir a. "Então ele tâ cum medo que ela não vã escorã(r) a operação". L.C.

ESTORBÃ(R), v.t. - estorvar; dificultar; impedir; incomodar. "Sou aleijado da cobra que mordeu im piquininho , olhe alê*m* disso isto aqui não me estorbava, casei as-sim me(s)mo". A.C.

FAMILHÃ(R), v. int. - casar. "Fui cre(s)cendo, me familhei". A.C. "... e ficaram os filho que foram se familhando né". A.O.

FAZÊ(R) BOM, loc.v. - ficar bom. "Vou deixã(r) o tempo fazê(r) bom pa pescã(r)". A.M.J. "Deixa o tempo primeiro fazê(r) bom". A.M.J.

FEIJÃO ANDANTE, s.m. - feijão de corda. O feijão dos Bú-zios é conhecido por não carunchar, durando anos. Atualmente a sua plantação não é suficiente nem para o consumo da população buziana. "Tratamo(s) feijão andante, sabe porque? A gente pranta aqui, vai, vai lá longe, entao bem andando, andando. A.O.

FESTEIRO, s.m. - É a pessoa escolhida para organizar a festa, costuma oferecer café, açúcar e biscoitos. "Esse café so(u) eu que faço sabe, agora a derradeira é do festeiro mais forte". A.C.

FILHEIRA, adj. - diz-se da mulher que tem muitos filhos. "Pois é olha que mulhê(r) tão filheira". L.C. "Essa que tâ pra lá pra São Sebastião, é muito filheira tamém". L.C.

FORNEÃ(R), v.i. - torrar a massa seca da mandioca no tacho, a fim de que fique pronta para uso. Este processo exige fogo e meximento contínuo. "Fala com ele aí se vende, tá lá forneando a farinha". M.A.

FORNO, s.m. - espécie de tacho, geralmente de bronze, colocado sôbre um forno de barro, que serve para torrar a farinha de mandioca. "Leva muito tempo pra furã um forno desse, leva seguramente uns quarenta ou cinqüenta ano(s)". O.C.

FOSFO, s.m. - fôsforo. "Serenava muito e molhõ(u) o fosfo que levei, então vim...".O.C. "Num troxe nada coitado de home(m), aí dei uma caixa de fosfo pra ele".F.C.

FRUITA, s.f. - fruta. Vocábulo arcaico. "Deu fruita, deu fruitinha e secô(u) tudo". F.A. "Mas este ano não deu fruita nenhuma, nê".M.A. "Essa aí é que chama fruita do conde, parece uma pinha". L.C.⁽⁵⁾

FULIA, s.f. - folia. Grupo de pessoas que ao som de pandeiros, violas e cantigas percorre as casas dos povoados e campos pedindo esmolas para alguma festa em louvor do Espírito Santo, levando sempre a bandeira do Divino. Esta tradição deixou de existir na Ilha dos Búzios. Com exceção da festa de São Pedro, não restou mais nenhuma festa tradicional."... agora tá fazendo muitos ano que num tem vindo, porque muito rapaiz aqui na Ilha num conhece, o meu filho Aro(l)do que tá cum 18 ano(s) ele num conhece, ele pergunta mãe o que era essa fulia que vocês fala porque ele nunca viu". L.C. "Tem muita gente aqui nos Búzios que se parô(u) moço qui num conhece o que é fulia.

FUNDEIA, v. int. - fundear. Deitar ferro ou âncora. "É fundeia aqui quando dá o sudoeste bravo, isso fica muito manso, aqui fundeiam dois, treis barco". A.C.

GAMELA, s.f. - cestinho de madeira feito lá nos búzios. Quase todos os habitantes sabem fazer esses trabalhos de palha. "Queimo bem queimadinho, põe na gamela".A.C. "Fáiz canoinhas, gamelinhas e esse negócio dos enchidos

de palha,nê". A.O.

GAROPA, s.f. - garoupa, peixe muito apreciado na região , de carne saborosíssima."Ano trazado ainda matei uma garopa". O.C."... assim memo pescava garopa até deis hora". A.C.

GARRAMÃ(R) , v.int- pegar as ondas; brincar com as ondas. Fazer surf com a canoa, canoinhas pequenas quando o mar está bravo e com as ondas altas. "O mar que leva a canoa, o mar vai levando, vai levando e bai quebrando, ele vai garramã(r)". A.C.

GROSSO, adj. - encapelado; agitado."... o mã(r) é mais grosso, é mais grosso do que pra cá". V.T.

GUACO, s.m.- planta medicinal da família das Compostas.Nos Búzios é usada misturada com alho para curar mordida de cobra. "Aqui tem erva que tratam de guaco". A.O.

GUANDŨ,s.m. - tipo de feijão. O feijão dos Búzios é conhecido não só na Ilha como também no continente, pois dizem que não apodrece, conservando-se por muito tempo. "Isto aqui é feijão guandũ, a gente come, é gostoso prá gente comê(r) com farinha seca, eu gosto".L.C.

HABITUÃ(R),v. - pode ser que o verbo tenha tomado a forma de habituar, estar no lugar, por analogia com o sentido do verbo habitar, que indica um processo verbal constante. "Foi assim, o meu abo habituou aquela ilha lá, Vitória nê". A.O. "É o primeiro que habituou essa ilha foi o abo, o abo do meu abo, chamavam a ele belho Chico". A.O.

IMBARCADO, adj. - diz-se de quem está fora da Ilha. "O(u) tros trabalha fora, imbarcado". F.A. "O mais novo tá imbarcado". A.M.J.

IMO(S), v. - substitui a forma vamos e iremos. "Lã nu imo, eu nunca fui". L.C. "Nóis se infezemo, nóis imo lá pra num abri(r) mais aula, imo pra Ilhabela. A.C.

INDA, adv. - ainda. "Relava aquela mandioca na roda, aquela massa era prensada naquele tipiti, inda agora fazemo isso mas era doze tipiti". F.C.

INGÃ, s.m. fruto da ingazeira; madeira usada para a confeção de canoas. "O ingã que tem lá na Ilha já secô(u)". J.C.

INGENHO, s.m. - engenho. Conjunto das instalações onde se processa o beneficiamento da cana de açúcar. "Tem lá um ingenho". A.O.

INSPETO(R) DE QUARTEIRÃO, s.m. - pessoa de grande influência moral que monopolizava o poder e regulava todos os atos referentes à organização familiar, mantendo a ordem tanto nas atividades da agricultura quanto da pesca." O tempo co meu sogro era inspetô(r) de quarteirão de mês im mês tinha padre aqui". L.C.

INTÊ, prep. - até. "Intê o meninozinho dele tã aí e doizinho tã lá". A.M.J. "A tua denúncia vai intê Ilhabela , já tã quatro ano". F.C.

INTIRINHO, adj. - inteiro; completo. "Tem a sa(l)ve rainha tem o anjo da guarda intirinho". A.C. "Ele fica o ano intirinhozinho aqui". A.M.J.

INXÔNDI, s.f. - enxúndia; gordura obtida do lagarto. Este tipo de gordura é largamente usada nos Búzios principalmente como remédio para a mordida de cobra. "A gente passa na gengivezinha da criança que tã saindo dente". L.C. "A inxundi desse bicho aqui do lagarto na água é bom". O.T. "A inxundi do lagarto é bom pra mordida de cobra, sabe". L.C.

JURITI, s.f. - juriti; pomba azulada. Esses pássaros fazem parte da reduzida caça dos buzianos. "A caça que tem aqui são essas pombinha que come o feijão, chamam de juriti". L.C.

LARGÃ(R) REDE; loc. v. - jogar a rede na água. "Ele foi porque o avo falô(u) que ia comprã(r) uma canoa pique-na pa largã(r) rede, sabe". L.C.

LIMO, s.m. - designação popular de qualquer alga filamentosa ou não que forme massas verdes na água. Os buzia-nos colhem as algas na costa, nas pedras submersas .
"...tendo a maré mansa é num instantinho". O.C.

LINHAGE (M) s.f. - linhagem; pano de algodão sobre o qual é colocado o polvilho para secar. "A gente cuzinha num saco de linhage(m)". D.C. "Eu levava um saco de li-nhage(m)forrava e assentaba a ela sabe, e trabalhava , trabalhava". A.C.

MACAXEIRA, s.f. - aipim; mandioca que pode ser comida em raízes cozidas ou assadas. É mandioca ipim, aqui chamam macaxeira". L.C.

MAI, adv. - mais. "Aí a minha tia disse assim olhe num tem mai jeito". A.C. "Tem mulhé(r) que tem só a crian-çã, mai nada logo imbarcam...". M.A.J. "Lebô(u) mai de oito dia sem remédio, sem nada". M.A.J.

MANDINGA, s.f. - bruxaria, feitiçaria. "Então botô(u) essa mandinga nas minha costa, ele memo botô(u) e ele me mo tirô(u), piolho foi tanto, tanta mundinça, minha cabeça mulhé(r) me contom que tirabam o cabeceiro e jogavam fora, no dia quele foi mi visitã(r) me lebantei da cama, lebô(u) um bocadinho de remédio ansim numa gara-fa e mandô(u) eu bebe(r) e com esse remédio me levan-tei". A.C.

MANDIOCA BRANCA, s.f. - variedade de mandioca brava de raízes encorpadas e de casca clara, das quais se prepara a farinha de mandioca. Estas raízes em estado crû , são muito venenosas devido à presença de ácido cianí-drico que se destrói no processo de cozimento e torre-fação."Nóis fazemo uma farinha boa aqui". O.C. "Nóis gostamus mais dessa porque essa rende mais,nós tratamu mandioca branca". L.C.

MANDIOCA DOCE, s.f. - macaxeira; manihot dulcis, mais co-nhecida como aipim, cujas raízes comestíveis são muito apreciadas em todo o país. "Tem mandioca doce, tem man

dioca brava, a doce é ipi". A.C.

MANDIOQUERA, s.m. - líquido extraído da mandioca brava usada para o fabrico da farinha da mandioca. "Mandiquera é o líquido da mandioca é perigoso, aquilo mata". J.C.
 "Essa água é venenoso sabe, se os pato miúdo tomã(r) , porquinho quando a gente cria é tudo preso". L.C.

MARGULHÃ(R), v.t. - introduzir na água, afundar. Mergulhar
 "Eu margulho sem máscara". R.C.

MASSA SECA, s.f. - massa ralada da mandioca saída da prensa, pronta para a torrefação ou forneamento. "Depois essa massa vai aqui pa fornã(r)". O.C.

MASSA VERDE, s.f. - diz-se da mandioca ralada, cevada, ainda misturada a seu caldo. "A massa cai lá imbaixo, dentro dela, adepois ajunta, tira daqui i põe lá naquele cesto, põe lá na prensa, e adepois a gente põe la iscorre um po(u)co de caudo, a gente traiz ela põe aqui o(u)tra bez, maceta ela bem macetadinha, põe o(u)tra beiz no tipiti, põe lá na prensa patirá(r) a última água". L.C.

MATÃ(R), v.t. - pescar; fisgar o peixe no anzol, apanhar o peixe." O pai daquele minino matô(u) um bocado de peixe". A.C. "Ano trazado ainda matei uma garopa". O.C. "Já matei de cinqüenta quilo, garopa ais veiz mata va aí mais agora não tem mais isca pa pescã". M.A.

MOCEIRO, adj. - namorador; mulherengo. "Ele é muito moceiro, ele tá cum dezesseis ano é muito moceiro demais , é lo(u)co por ela e ela por ele". L.C.

MODINHA, s.f. gênero de cantiga popular. A maioria das modinhas dos buzianos são criações próprias que vão passando de pais pra filhos.

"Tenho canoa no porto
 ro(u)pa branca no varã(l)
 tenho mulhê(r) bunita
 não precisa trabalhã(r)". A.C.

"Benidito cheira cravo
mas não é cheira canela
gosto tanto de Binidito
pra sê(r) o cravo da minha janela

Fui dentã(r) na minha cama
num achei o cobertô(r)
Deu um vento na roseira
minha cama encheu de flô(r)". D.C.

MORRAGIA, s.f. - hemorragia, derramamento de sangue. "Ai
minha Nossa Senhora, uma morragia muito forte". A.M.J.

MURUSSANGA, s.f. - muçurana; cobra preta. "Ela martrata ,
é que nem essa cobra murussanga, mata a cobra jaracuçu
e traça na cobra jaracuçu, vai apertando, apertando, ma
ta". F.A.

NHÔ, NHÔ, pron. - Avô. "Nho nhô, o cachorro veio cum nóis".
D.C.

NHÃ, NHÃ, pron. - Avô. "Ai coitadinha da nhã nhã, tã tão
doentinha". D.C. "Ai nhã nhã não posso dormir". L.C.

NOVENA, s.f. - rezas feitas durante nove dias. Nos Búzios
a novena de São Pedro tem início no dia 21 de junho ,
sendo a única vez que alguma festa é realizada e a ca-
pelinha visitada durante o ano. A festa tem início com
o levantamento do mastro com a bandeira de São Pedro
hasteada.

"São Pedro, santo de boa paixão
abri a porta do céu
e a nossa diboção". A.C.

Prosseguem com rezas em latim, que vão sendo transmiti
das oralmente de geração a geração, orações cantadas ,
ladainha de nossa Senhora e o Pai nosso. Por último o
baile, como que fazendo parte da reza, antigamente os

tocadores usavam a viola, nos dias de hoje dão preferência à sonata (vitrola).

NUM, adv. - forma proclítica de "não". "Num sei". D.C.

"Mais eu num acho jeito de sai(r) daqui, eu não me acostumo im lugã(r) nenhum pã sai(r) daqui". F.C.

PADECÊ(R), v.i. - sofrer; passar necessidades. "Ais veis não tinham dinheiro sabe, num pode deixã(r) padecê(r)". A.T.

PÃO DO CÉU, s.f. - é uma qualidade de mandioca doce, que pode ser comida em raízes, cozidas ou assadas. "A mandioca pão do céu é amarelinhazinha". J.C.

PARÃ(R), v. - usado no sentido de torna-se. "Eu quando me parei mocinha já havia essa mulhê(r)". L.C. "Tem muita gente aqui nos Búzio que se paro(u) moço não conhece, num conhece o que é fulia" L.C.

PASSAGE(M), s.f. - transporte para o continente. "... vai buscã(r) hoje, mas tã ruim passage(m), num sei, passage(m) aqui tã ruim só pagã(r) barco". A.T. "Amanhã vou pegã(r) barco". A.T. "Amanhã vou pegã(r) uma passage(m) co rapais aí, o Batista, mas a gasolina tã muito cara". F.C.

PILÃO, PILOM, s.m. - recipiente de pau rijo para descascar e triturar arroz, café, milho, etc. "Sabe, o pilão é com meu pai". M.A. "Tinha café pra socã(r) no pilom né, então comprei esse pilom aí né, mas eu faço tamém". J.A.

PINDÃ, s.m. - Ouriço do mar, encontrado nas costeiras inundado de espinhos calcáreos que por ocasião das maresias é lançado às praias. "Pindã é um carangueijo deste tamanho, carangueijo". D.C.

PIRÃO, PIROM, s.m. - papa de farinha de mandioca geralmente escaldada com caldo de peixe ou feijão, é muito usada nos búzios. "Mas tamém num é grande coisa pra pirom, num serve não, por aqui muita gente usa comê(r) pirão de sopa no feijão, mas fica ligenta aquela sopa". J.A.

5206/BC

POR ARROMBO, loc.v- remendar; consertar. "Fura, põe arrombo, fura, põe o(u)tro". O.C.

PRA DENTRO, loc. i-quer dizer para o continente, para fora da ilha. "Mas se o marido dela levasse ela pra dentro ela não morria". A.M.J.

PREGUNTÃ(R), v.t. - perguntar. "Todo mundo si adimira todo turista que vem aqui preguntã(r) ninguém acredita". A.T.

PRENSA, s.f. - armação de madeira para espremer a massa verde. "Tinha uma prensa, prensaba doze tipiti, esse tipiti de palha nê, relava aquela mandioca na roda aquela massa era prensada naquele tipiti". A.O.

PROCURAÇÃO, s.f. - aqui a palavra foi usada no sentido de procura, busca, e não no sentido de passar uma procuração, ou seja, incumbência que alguém dá a outrem para tratar de negócios em nome daquele. "Aqui houve muita procuração disso sabe, bendiam aí pa Caraguã, bendiam aí pa São Sebastião, pro Perequê". A.O.

QUAJI, adv. - quase; vocábulo arcaico. "Tremendo e vai, vai mas quaje cai, foi vuscã(r) gelo um vento muito forte aí quaje que morre". A.M.J. "Quaje sessenta família". V.T. "Tamêm já foi quaje preso". A.C. "Mas remédio de médico quaje num vo usã(r) em São Sebastião quaje num tenho ido". A.T.⁽⁶⁾

QUETO, adj. - Quietos. "Aqui fica todo mundo parado, ninguém diz nada, fica todo mundo queto, nê". A.M.J. torce ela". L.C. "Arrelava tudo no reladô(r)". F.C.

REMÉDIO DO MATO, s.m. - remédio caseiro, feito com ervas medicinais. É supreendente o número de remédios caseiros conhecidos pelos buzianos. "Tem um sinhô(r) lá que trata com remédio do mato, feito de mato, me deu duas garrafas de remédio e eu sarei". A.T. "A minha filha que tá lá, casada ali sarô(u) cum ele tamêm, remédio caseiro". A.T.

ROÇA, s.f. - plantação; lavoura. "Era ali que era a casa do Joaquim de Oliveira, ali era a caso do ingenho, de morada, trabalhava na roça, plantava muita cosa". A.O. "Não, â toa, eu acho que é porque a gente trabalha na roça sabe, se esforça muito". L.C. "Ele trabalha muito na roça, trabalha sãbado, domingo, dia santo, pra ele ...". L.C.

SACO, s.m. - entrada de mar, formando uma pequena enseada. O saco da Guanxuma é a única baia existente nos Búzios e também o único lugar em toda a ilha no qual as canoas podem ficar relativamente protegidas no caso do mar estar encapelado. "Alí é um saco, que nóis chamamo nê, então o vento sô entra pra dentro, não invade ali". V.T.

SAMO(S), v. 1.^a pessoa do plural - pres. indicativo do verbo ser - somos. "Nóis samo(s) português, o negócio é esse, sabe como é, é que o único brasile(i)ro era os índio nê". A.O.

SAPOREM, s.m. - doença que ataca o vegetal pelas raízes, que incham, endurecem e negrejam, matando em poucos meses as plantas atacadas desse mal. Foi dessa forma que acabaram os pés de café dos Búzios. Atualmente, os poucos pés ainda existentes não dão conta da demanda, havendo necessidade de comprar café para atender ao consumo. "A doença queimô(u) tudo as planta sabe, uma doença, o café acabô(u), torrô(u), a gente de primeiro num comprava, nóis vindia café". A.C.

SARDINHE(I)RA, s.f. barco de pesca de sardinha. Muitos buzianos costumam ir para Santos trabalhar na pesca da sardinha. "Esse aqui é o(u)tro que é casado in Santos, quê motorista de sardinheira". C.C. "Estava em Santos trabalhando na sardinha, trabalhei um ano e po(u)co". R.C.

SARVÃ(R), v.t. - prestar ajuda a; socorrer. "A minha patroa de agora tebe uns três que eu me(s)mo que sarvei a ela, ficô(u) encrencada nê, bom, pra saí(r) num pu

dia, agora como eu já sabia do negócio tudo, então eu sarvei a ela, então eu fiz o serviço e sarvei a ela , não preciso(u) levã(r) a lugã(r) nenhum". A.O.

SEBÃ(R), v.t. - sevar, ralar as raízes raspadas da mandioca na roda, nos Búzios geralmente este trabalho é feito pela mulher, a qual deve ter algum preparo, passando por determinado tempo de aprendizagem, até que a se vadeira mestra a considere apta para executar a tarefa. Ao homem cabe o trabalho de virar a roda para que a se vadeira nela possa introduzir as raízes". "A gente põe a mandioca aqui mas se duvidã(r) um po(u)quinho ela corta a mão da gente". L.C.

SEVADEIRA, sf. - pessoa que põe as raízes raspadas na roda a fim de que sejam sevadas, raladas. Para a execução deste trabalho há necessidade de preparo anterior. "É a mulhê(r) que seva e o home tamém, é perigoso". J. C. "Tão tudo aprendendo a sevã(r) a Vera tá aprendendo que num sabe, a mãe dela sabe". A.C.

SERTÃO, SERTOM, s.m. - sertão; lugar longe de povoações ou de terrenos cultivados". "Naquele sertom do abrigo tem luz até o mato". F.C. "Tenho batata doce mas é longe, no sertão". L.C.

SINHÔ(R), pron. trat. - senhor. Este pronome é usado para os mais velhos e visitantes desconhecidos. "Ah, num chega perto não sinhô, a tainha é o peixe mais sabido que tem, já nós temo(s) arreparado". V.T. É o vento de leste, só fica mais bravo naquela frente que o sinho(r) tive, lá na Guanxuma". V.T.

SPÍRITO, SPRITO, s.m. - espírito. "A Fulia é saia um home(m) ca bandeiro com o santo, sprito santo". L.C. "Ele tá com incosto, spírito, é essa moço mesmo". M.C. "Diz qué sprito nê". H.C.

SUDOESTE, s.m. - vento forte que sopra do alto mar para a costa. "O sudoeste muito grande carregô(u) nas cotilha aí levô(u) pa Vitória". V.T. "É fundeia aqui quando dá

o sudoeste bravo, isso aqui fica muito manso, aqui fun deiam dois, treis barco". A.O.

SUMANA, s.f. - semana. "É meia sumana, meia sumana nem chegô(u) nem nada". A.C.

SUMO, s.m. - suco; líquido extraído de algumas substâncias vegetais e animais. Usado no sentido específico que lembra muito o emprego lusitano. "Põe o sumo num po(u)co de cachaça de pinga nê, e maceta um dente de alho junto tudo e dá pa bebe(r), o veneno da cobra de saparece". A.O.

TAINHA, s.f. - nome comum a quase todos os peixes da famí lia dos Mugílidas. É muito pescada nos Búzios. "A tai- nha é o peixe mais sabido que tem, já nóis temo(s) ar- reparado". V.T. "O cortume de tainha quando cisma ca rede ela vorta tudinho, se ela qué passá(r) por esse caminho me(s)mo ela passa por fora, deixa a rede, pas- sa por fora". V.T.

TAIUOBA, TAIoba, s.f. - planta herbácea cujas folhas e raízes assemelham-se com as do inhame. "Não tem aquela cabeça de taiuoba ansim". D.C. (7)

TAM(B)ÊM, adv. - também. "Meu pai morreu e deixô(u) a nóis tudo piquinininho tamêm". A.M.J. "Não, não e ta- mêm empregado pa ninguém nunca trabalhei". A.T. "A mi- nha filha que tá lá casada sarô(u) cum ele tamêm, remê dio caseiro".

TAUBA, s.f. - tábua. "Agora tudo mundo, tá usando casa de tauba". L.C.

TERREIRO, s.m. - espaço em redor da casa de pau a pique. "Tem o terreiro e atrâis o que nóis chamamo(s) quintau, tem flôr, tem uma porção de flôr a minha casinha". A.C.

TIPITÍ, s.m. - cesto em que se espreme a mandioca ralada, atravês da pressão feita por meio de uma alavanca, eli minando a água e parte das substâncias venenosas. A fa bricação desses cestos de taquara e feita por eles mes

mos. "Esse é tipiti, é pa fazê(r) farinha". F.A. de pa lha nê, relava aquela mandioca na roda aquela massa era prensada naquele tipiti, inda agora fazemo(s) isso mas era doze tipiti". A.O.

TRÁFICO, s.m. - o mesmo que casa de farinha. "Sabe, antiga mente nóis trabalhava no sertom que nóis tinha tráfico de farinha lá". L.C.

TRAMBULHÃ(R), v. int. - trambolhar; andar ou ir aos trambalhões. - "Esse anda aos trambulham, o pai tã ganhando dinheiro, trata dos filho da mulhê(r) dele, olhe es se aí, não pode levã(r) pa internã(r)?". A.M.J.

TRATÃ(R), v.t. - denominar; chamar; nomear. "Aqui trata - mo(s) de limão galego mas tem o(u)tro nome". M.A. "Tra tamo(s) feijão andante, sabe porque? A gente pranta in tẽ aqui, vai lá, lá longe, então bem andando, andando". A.O. "Nóis tratamo(s) aqui de capiã". L.C.

TREVOADA, s.f. - trovoadas; tempestade com trovões. "É o tempo mais perigoso que tem, é trevoadas". V.T. "Mas o tempo fica muito feio com trevoadas". V.T.

TUDO, pron. - todo. "Oitenta, o pessoã(l) que eu vi aqui tudo tão mais velho que eu". A.T. "Ê, tudo trabalha na palha, os filho tudo trabalha". F.A. "A doença queimô(v) tudo as planta sabe". A.C.

VIAMENTO, s.m. - o mesmo que aviamento. "... assim memo sabe, fiz treis roça, num tinha viamento, pedi aviamen to pro meu irmom". A.C.

VIZAVÔ, s.m. - bisavô; pai do avô. "Era, o meu abo, o meu visabô, o velho Chico, o meu abo Teixeira foi de lá ta mêm, qui veio pra cá". A.O.

ZINHO, pron. - expressão muito usada nos Búzios. Este ter mo ora se junta ao substantivo, ao adjetivo, ao nume- ral ou ao pronome demonstrativo. "Uma casinha iguã(l) essazinha iguã(l) essa minha aqui". V.T. "Aquelazinha ca comadre tem foi daquela menina qu'ela morreu sabe". A.M.J. "Intẽ o meninozinho dela tã aí e doizinho tã

lã". A.M.J. "Ele fica o ano int(e)irinhozinho aqui".A.
C. "Vô(u) cantâ(r) um versuzinho bunitinho pã sinhora".
B.J. "Sabe que o meninozinho ficô(u) bom". A.T. " Foi
indo, lavei com aquela águazinha de erva, de arruda e
fui lavando..." A.O.

NOTAS DO CAPÍTULO VII - ASPECTOS LEXICOLÓGICOS

- (1) - Bertil Malberg (1974, pg.95) afirma: Não se pode estudar uma língua cientificamente e utilmente sem conhecer o meio em que a língua é escrita ou falada. Isso vale principalmente para o plano lexical. As palavras, suas significações e suas alterações devem ser compreendidas em suas ligações com os conceitos de que elas são a imagem.
- (2) - A este respeito ver: Amadeu Amaral (1976, pgs.56 e 67). e Gladstone Chaves de Melo (1975, pgs.97 e 110).
- (3) - Mattoso Câmara (1975, pgs. 75,76 e 77) fala a respeito da influência das línguas indígenas no português do Brasil.
- (4) - Apesar desta forma nasalizada não ser sistemática na fala local, é comum na fala popular. Ver Juran-dyr Aguiar (1957, pg. 16):

"Ele estuda noite e dia
Um fio ansim eu não surro,
Hai de sê um grande home,
Proqu'ele estuda pra burro".

- (5) - O vocábulo arcaico "fruta" deriva do latim "fructu" em que se deu a vocalização do c. A palavra fruta era usada pelos autores quinhentistas como bem prova Cristóvão Falcao (s/d p. 92/93):

"Anda a dor dissimulada
Mas ela dará seu fruto,
A minha alma traz o luto
De pouso o são desposada
Mas descontente de muito".

- (6) - Esta palavra é sempre pronunciada no falar local co

mo quaje. Ela aparece no final do século XV, nos textos arcaicos, e foi provavelmente trazida pelos colonizadores portugueses e conservada na Ilha na sua forma antiga devido ao isolamento lingüístico dos Búzios.

- (7) - Sincretismo de forma. Vocábulo de origem tupi.

VIII - CONCLUSÃO

VIII - CONCLUSÃO

Pelo que pudemos constatar a grande maioria dos habitantes dos Búzios descende de colonizadores portugueses, dos quais ainda conservam vocábulos arcaicos já desaparecidos da língua padrão, dizendo fruta por fruta, derradeiro por último, quaje por quase, irmôm por irmão, etc.

Na morfologia destacamos a simplificação e a redução das flexões. Realmente, no falar buziano rareiam as desinências de plural, que tendem a se restringir ao primeiro determinante da frase. O verbo também sofre esta simplificação. Muitas vezes só há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas, como se vê, por exemplo, do indicativo presente do verbo comprar: eu compro, ele compra, nós compra, eles compra.

O léxico é constituído por termos regionais, caseiros, relacionados com suas atividades principais, ou seja a pesca e a agricultura.

Quanto à fonética, pudemos observar vários aspectos deveras interessantes, sobretudo com relação à palatização. A característica mais marcante do português falado na Ilha dos Búzios é a qualidade de voz palatizada. Na fala de muito buzianos ocorrem palatizações em sílabas próximas. A palatização a que nos referimos se caracteriza por deixar bem clara auditivamente a presença de um glide palatal [^J] entre as consoantes e as vogais.

Concluimos que o falar buziano é uma forma divergente da língua padrão, num grupo específico, numa área geográfica limitada, donde se conclui através dos resultados obtidos através do presente trabalho que se trata de um dialeto.

No entender dos buzianos, este dialeto é uma "fala caiçara" e os próprios informantes têm consciência disso, quando para fugir à conotação pejorativa que se atribui a esse falar, o caiçara tenta melhorar ou justificar os seus recursos de expressão alegando que não teve es

cola.

Devemos, no entanto, lembrar-nos que o falar buziano, com a alfabetização, com a emigração dos jovens para o continente, com a influência do rádio e da televisão, vai perdendo terreno dia a dia, tornando-se cada vez mais restrita a sua área geográfica própria, e é muito provável que na luta desigual travada entre o seu instinto de conservação e a corrente civilizadora, venha o caçara buziano a desaparecer em futuro mais ou menos próximo.

Esperamos que a nossa modesta contribuição possa despertar nos estudiosos da língua portuguesa a necessidade de fazer o levantamento da realidade lingüística brasileira, mediante a organização de pesquisas sistemáticas por todo o território nacional, a fim de que se obtenham informes precisos sobre a linguagem das diversas localidades, pondo em evidência, desta forma, tanto os traços comuns quanto as peculiaridades dos falares do Brasil.

IX - BIBLIOGRAFIA

IX - BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Jurandyr. Caipiras de Minha Terra. 1967.
- AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. São Paulo, 3ª Ed. Hucitec, Sec. da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ANAIS - IX Congresso Brasileiro de Geografia. Volume V. Conselho Nacional de Geografia - Rio de Janeiro - Ilha dos Buzios. 1944.
- BOLEO, Manuel de Paiva. Os valores Temporais e Modais do Futuro Imperfeito e do Futuro Perifrástico em Português. Coimbra, 1973.
- BORBA, F. da Silva. Pequeno Vocabulário da Linguística Moderna. São Paulo. Ed. Nacional. 1976.
- BRAM, Joseph. Linguagem e Sociedade. Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1968.
- BRIGHT, William. Sociolinguistics. Mouton, 1966.
- BUNSE, H.A.W. Mandioca e Açúcar. Contribuição ao estudo das respectivas culturas e do folclore étnico e linguístico no Rio Grande do Sul.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A palatização em Português: Uma investigação palatográfica. s/data.
- Elementos de Fonética do Português Brasileiro. Tese de Livre Docência, UNICAMP.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso. Dispersos de - FGV - Rio de Janeiro, 1975.
- Estrutura da Língua Portuguesa. 2ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1976.
 - História e Estrutura da Língua Portuguesa. Padrão, Livraria Editora Ltda. Rio de Janeiro. 1975.
 - Problemas de Linguística Descritiva. 3ª Edição, Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- CARROLL, John B. O Estudo da Linguagem. Petrópolis, Editora Vozes. 1973
- CARVALHO, Vicente de. Páginas Soltas. Volume I - São Pau-

- lo. Typographia Brazil de Rothschild & Co. 1911.
- CASCUDO, L. da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CERVO, A.L. e BERVIAN, P.A. Metodologia Científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil. 1978.
- CUNHA, Celso. Gramática da Língua Portuguesa. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Fename, 1977.
- Gramática do Português Contemporâneo. 5ª ed. Belo Horizonte, Bernardo Alvares, 1975.
 - Língua portuguesa e Realidade Brasileira.
 - Uma política do Idioma. 3ª Edição, Rio de Janeiro, tempo brasileiro. 1975.
- ELIA, Silvio. Ensaio de Filologia. Rio de Janeiro, acadêmica, 1963.
- FONSECA, Fernando V.P. da. Noções da História da Língua Portuguesa. Livraria Clássica Editôra, 1959.
- FONSECA, M.S.V. e NEVES, M. (org.) Sociolinguística. Rio de Janeiro. Eldorado, 1974.
- GARCIA, O.M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- GNERRE, M. Bernadete M.A. Considerações sobre a utilização de registros palatizados e labiovelarizados em um dialeto do litoral do Espírito Santo. Trabalho apresentado no Vº Encontro Nacional de Linguistas, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1980.
- GUMPERZ, John J. Types of linguistic communities (1962) e The Speech Community (1968), in Language in Social Groups. Stanford, University Press, Stanford, California 1971.
- HYMES, Dell. Language in Culture and Society. A Reader in Linguistic and Antropology. New York, Evanston, 1964.
- Foundations in Sociolinguistic. Philadelphia 1976.
- LABOV, William. The social stratification of english in New York City, 1966 in Sociolinguistic Patterns. Uni-

versity of Pennsylvania Press, Philadelphia.

LETTERA - Número 8 - 1973.

LIMA, Rossini Tavares e outros. O Folclore do Litoral Nor-
te de São Paulo. 1981.

LYONS, John. O que é a Linguagem? Introdução ao pensamen-
to de Noam Chomsky. Lisboa, Editorial Estampa, 1972.

- Introdução à Linguística Teórica. São Paulo, Ed.Nacio-
nal. Ed. da Universidade de São Paulo. 1979.

MALINOWSKI, Bronoslaw. The Dilemma of Contemporary Lin-
guistics. Nature, Londres, 1937.

MALMBERG, Bertil. As Novas Tendências da Linguística. São
Paulo, Editora Nacional, 2ª ed. 1974.

- A Fonética. Lisboa, Livros do Brasil.

MARCELLESI, J-B e GARDIN, B. Introdução à Sociolinguísti-
ca. Editorial Aster, Lisboa, 1975.

MARCOS, Plínio. Homens de Papel(teatro). São Paulo Glo-
bal Editora. 1978.

MELO, Gladstone Chaves de. A Língua do Brasil. 3ª Ed. Rio
de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1975.

MENDONÇA, Renato. A influência Africana no português do
Brasil. 2ª Edição, São Paulo, Cia.Editora Nacional.
1935.

NASCENTES, Antenor. O Linguajar Carioca. 2ª Edição, Orga-
nização Simões, Rio, 1953.

NETO, Serafim da Silva. História da Língua Portuguesa.
Livros de Portugal S.A. Rio de Janeiro, 1953.

NUNES, José Joaquim -Crestomatia Arcaica. Livraria Clás-
sica Editora, Lisboa.

PRETI, Dino. Sociolinguística. Os níveis da fala, um es-
tudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasilei-
ra. São Paulo. Editora Nacional, 1974.

- Alguns problemas sócio-culturais no ensino do portu-
guês. 1974.

QUATRO RODAS. O mar - Edição Especial.

RECTOR, Monica (org.). Questionário Básico de Trabalho de Campo Lingüístico. Fundação da casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1983.

REVISTA DE ESTUDOS BRASILEIROS. Notas Dialetológicas sobre Guaraqueçaba. ano 2, nº 3, vol.2 - 1977.

REVISTA DE LETRAS - Vol. 17 - 1975.

RODRIGUES, Ada Natal. O Dialeto caipira na Região de Piracicaba. São Paulo. Ática, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. São Paulo, Cultrix, 1972.

SEARLE, J.R. Les Actes de Langage. Essai de Philosophie du Langage. Paris, Hermann, 1972.

SIQUEIRA, Priscila. Monografia a respeito do genocídio do povo caçara. Vários artigos publicados no jornal "O Estado de São Paulo".

SPINA, Segismundo. Normas Gerais para os Trabalhos de Grau. São Paulo. Livraria Editora Fernando Pessoa, 1974.

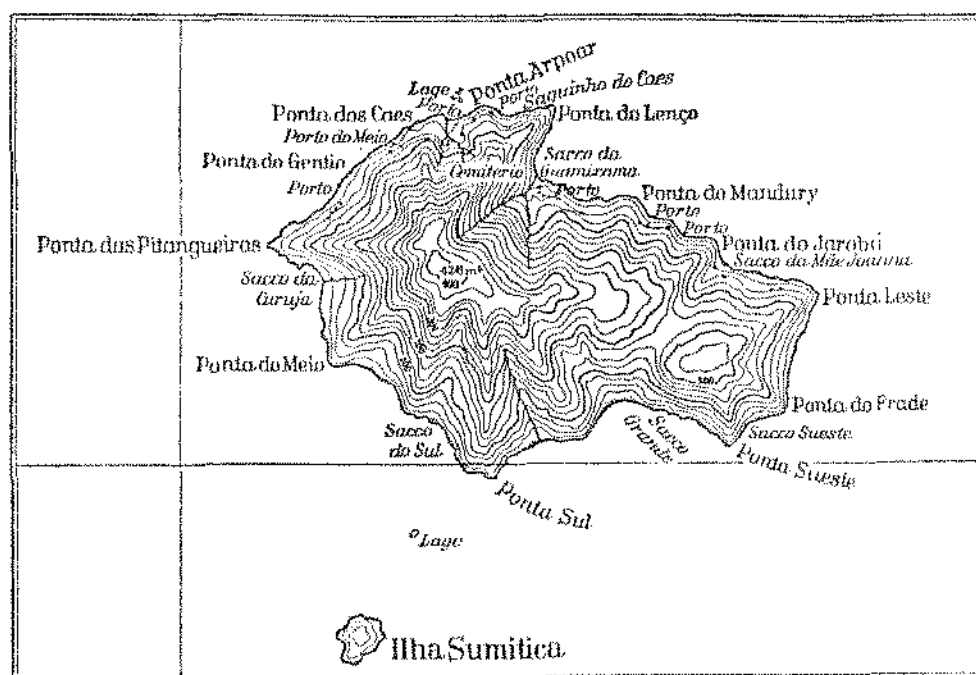
WEISS, Helga Elisabeth. Fonética Articulatória. Brasília. Summer Institute of Linguistics, 2ª Ed. 1980.

WILLIAMS, Edwin B. Do Latim ao Português. Ministério de Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. 1961.

WILLEMS, Emilio. Buzios Island. University of Washington Press, 1952.

XIDIEH, Oswaldo Elias. Narrativas Pias Populares. São Paulo. IEB-USP, 1967.

ANEXOS

ANEXO 1MAPA DA ILHA DOS BÚZIOS

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO

I - Notas sobre o Informante:

- 1 - Nome:
2 - Sexo:
3 - Idade: local de Nascimento:
4 - Estado Civil:
5 - Domicílio:
6 - Grau de Instrução:
7 - Profissão:
8 - Dicação: Boa: Regular: Mã:
9 - Viagens
10 - Características psicológicas aparentes:

II- Textos Elocucionais:

- 1 - O cultivo da mandioca
- 2 - O fabrico da farinha da mandioca
- 3 - A pesca
- 4 - O cultivo da banana
- 5 - A caça
- 6 - A religião
- 7 - As festas
- 8 - A pirataria
- 9 - A dança e a música
- 10 - O artesanato
- 11 - O Comércio
- 12 - A alimentação
- 13 - Saúde
- 14 - Educação dos Filhos

III-Escolha do Locutor:

IV -Local do Registro:

V -Data do Registro:

ANEXO 4LISTA DOS INFORMANTES

- 1 - Antonio Oliveira
- 2 - Aristides Teixeira
- 3 - Belmiro Justino
- 4 - Franklin Camilo
- 5 - Dito Costa
- 6 - Francisco Alves
- 7 - Hildo Costa
- 8 - Laudelina Costa
- 9 - Antonia Costa
- 10 - Alice Maria de Jesus
- 11 - Maria Teixeira
- 12 - Vicente Teixeira
- 13 - Rodolfo Costa
- 14 - Manoel Alves
- 15 - Onório Alves
- 16 - Benedito Costa
- 17 - Belmiro Costa
- 18 - Juvenal Costa
- 19 - Oscar Costa
- 20 - João Costa
- 21 - Aroldo Costa
- 22 - Roseli Camilo
- 23 - Luiz Camilo
- 24 - Mercedes Costa
- 25 - Antonia Costa

ANEXO 5QUADRO DE INFORMANTES

<u>Nº</u>	<u>Iniciais</u>	<u>Local</u>	<u>Idade</u>	<u>Tipo de grav.</u>	<u>Dur.</u>	<u>Data</u>
1	A.O.	Saco da Mãe Joana	83	Diálogo	50'	15/07/79
2	A.T.	Porto do Meio	80	"	60'	19/07/79
3	B.J.	"	80	"	60'	18/07/79
4	F.C.	Guanxuma	78	"	60'	15/07/79
5	D.C.	Porto do Meio	68	"	50'	19/07/79
6	F.A.	Pitangueiras	67	"	40'	11/10/80
7	H.C.	Guanxuma	67	Entrevista	50'	02/10/81
8	L.C.	"	56	"	60'	15/07/79
9	A.C.	Porto do Meio	55	Diálogo	40'	11/05/80
10	A.M.J.	"	50	Entrevista	60'	10/05/80
11	M.T.	Pitangueiras	50	"	30'	11/10/80
12	V.T.	Porto do Meio	35	"	45'	19/07/79
13	R.C.	Guanxuma	33	"	40'	02/10/81
14	M.A.	Saco da Mãe Joana	30	"	30'	10/05/80
15	O.A.	Pitangueiras	18	Entrevista	20'	11/10/80
16	D.C.	Guanxuma	13	"	15'	11/05/80
17	B.C.	Porto do Meio	51	Diálogo	40'	10/05/80
18	J.C.	"	65	"	20'	28/01/81
19	O.C.	Guanxuma	51	"	15'	24/07/80
20	J.P.	"	57	"	15'	11/10/80
21	A.C.	"	25	"	20'	24/07/80
22	R.C.	Guanxuma	8	Entrevista	40'	11/05/80
23	L.C.	"	18	"	10'	24/07/80
24	M.C.	"	30	Diálogo	50'	02/10/81
25	A.C.	Porto do Meio	60	"	40'	28/01/81

ANEXO 6

Gravação do "corpus" realizada na Ilha dos Búzios, no Saco da Guamixama, com A.O. (1), F.C. (4) e L.C. (8) em 15-07-79.

- Venha, Sr. Antonio e Sr. Franklin, vamos conversar um pouquinho, como vai a vida aqui?

F - A vida aqui vai boa, eu gosto daqui meus filho(s) quê qu'eu vou imbora pra Santos

- Parece que a sua esposa não está gostando daqui.

F - Ela num tá gostando não.

L - Eu gostava daqui.

F - mais eu num acho jeito de sai(r) daqui, eu não me acostumo im lugã(r) nenhum pã sai(r) daqui, aqui a gente tem a laranja pã comê(r), tem a banana pa comê(r), tem a farinha torrada pa comê(r), tem peixe du mã(r) pa comê(r), quando num é isso tem a criação, tem pato nóis criã(r) pa comê(r), tem a galinha, pra que melhõ(r) nê?

- E tem roça

F - Tem roça

- O que voces plantam?

F - aqui pranta di tudo, aqui qui dã di tudo
dã o arroz, dã a batata, dã o carã, dã mandioca, a gente rela a mandioca i prensa ela prá fazê(r) farinha

- E o Sr. Antonio, quantos anos tem?

A - Ele é mai(s) moço qui eu

Eu tenho 83 ano(s) di dade

- O Sr.? E o Sr. Franklin?

F - Eu tou com 78

- O Sr. é o mais velho da ilha?

- A - É, eu sou naturar aqui da ilha nê, eu moro lá naquela ponta lá tenho uma casa de palha, tem uma de telha e tem um sítio muito grande
- O Sr. tem filhos?
- A - Tenho, tenho vinte e oito netos
- F - casado duas veiz
- A - E tenho 7 bi(s)neto(s), 8 bi(s)neto(s), tem gente aí pra Santos, a filha casada aqui na Ilhabela, na Barra Velha, e ali na armação.
- O que é isso?
- Nós tratamo(s) aqui de capiã
- L - É, faz o terço, depois tem lá em São Francisco, uma se_ nhora lá quella compra pã fazê(r) bolsa.
- E o que voces estão produzindo aqui como artesanato?
- F - Como é?
- Artesanato, cestas
- A - Faiz cestas, nóis mais trabalhamo(s) com negócio de ma_ deira nê.
- Fazem canoas de madeira?
- A - Faiz canoinha, gamêlinhas, e esse negócio dos enchidos de palha nê, a gente faiz.
- E quem faz isso?
- A - Todos ele(s) faiz
lá em casa meus filho(s) todos ele(s) faiz
- O Sr. tem alguma coisa para vender agora?
- A - Não, não tenho, agora num tem, sabe, pararam de fazê(r) porque a taquara ficou só prá cre(s)cida aí no mato, en_ tão ele(s) pararam de fazê(r), tã deixando taquara cre(s)cê(r) prá começã(r)
aqui houve muita procuração disso, sabe, bendiam aí pa Caraguã, vendiam aí pa São Sebastião, pro Perequê.
- F - Todo lugã(r) compra
- Aqui tem muitas festas?

A - Tem, São Pedro dia 28 de junho, dia 21 levanta o mastro, começa a rezã(r) novena, novena, vai indo, indo amanhece no outro dia

- O que acontece na festa?

F - Faz leilão e dança a noite toda e amanhece o dia

- E cantam também?

F - cantam muito

- O Sr. Canta?

F - Eu num canto.

- O Sr. Antonio também não canta?

A - Toco viola, canto e danço

- E a sua esposa, também não canta?

F - num canta, ela anda desgostosa, nóis temo(s) cum filho pã internã(r), me bati atráis de documento dele INPS, Junta Militã(r) e tudo isso, ele tã ruim cas pernas, já fui em Suzano, gastei doze dia(s) corre aqui, corre ali, tirei a carteira profissionar, fui na Junta Militã(r), tirei tudo, já dei o certificado dele pa ele pegã(r) pa ele sinternã(r), tem um rapaiz muito meu amigo encarregado, ele vai pa São Paulo arranjà(r) um lugã(r) pa internã(r) ele, com a idade de 20 anos ficou ruim cas pernas parece que tem um arresfriado, precisa trato né.

- É, precisa de cuidados.

F - Já gastei mais de um milhão de cruzeiros, agora já tirei o documento dele.

- É porisso que a sua esposa está triste?

F - É

- O Sr. tem ido à Ilhabela, Sr. Franklin?

F - Eu vou sempre, dia 15 tive em ilhabela, bairro de São Francisco, São Sebastião

A - É, sempre a gente vai lá

F - Eu quero vê que vou amanhã.

- Vai e volta no mesmo dia?
- F - Não, não senhora, leva um dia lá no outro dia que vota.
- A - Vai amanhã?
- F - Vou amanhã, vou pegá(r) uma passage(m) co(m) rapaz ai, o Batista, mas a gasolina tá muito cara, antigamente eu tinha um motor a gasolina, mas agora o motor que há é a óleo, a óleo iconomiza muito, óleo dizeu.
- E vem muita gente pescar aqui?
- F - Tem pescado(r) de ponta a ponta.
- O Sr. vende o peixe?
- F - Eu vendo
- Vende aqui mesmo?
- F - Não, São Francisco.
- Peixe fresco?
- F - Não, peixe sargado, conservado no sar e no sor.
- Deve ter muitos barcos em dificuldades aqui, quando dá sudoeste bravo.
- A - É, fundeia aqui quando dá o sudoeste bravo, isso fica muito manso, aqui fundeiam dois, tres barcos.
- F - Voces vão conversando e ruindo essa laranja.
- Mas que gostosa!
- E a escola como vai?
- F - A iscola tem um professô(r) qué de Ubatuba, ele aí é sorteirão, tem 40 ano(s), já saiu o cabelo tudo, aí ele dorme, dorme, tem uma casinha lá em cima de palha, porque a palha esquentta mais do que o telhado, mas ele quando passa aqui - que negócio, voce tá cumindo muito, são oito e meia - já, há, mas dumar é bom, durmir é bom - a tua denúncia vai intê Ilhabela, já tá quatro ano(s).
- O Sr. acha que as crianças não aprendem?
- F - Não aprende, o que sabia(m) otros professor é o qu'

eles sabe(m), não sabe(m) murtiplica(r) uma conta, dividir, tudo, peço a eles prá fazê(r), é eu sei mais do que voce que negócio, ele tem uma cima comigo, porque eu falo, aqui num vem deretor, num vem ninguém, no tem po do abrigo Batuira vinha de dois aqui.

- Quando isso?

F - Faz uns dēiz ano(s) atrazado, é do Batuira.

- O que o Sr. chama de Batuira

F - Foi aberta pelo abrigo Batuira, é de São Paulo

A - É de Poã, morando in São Paulo, era seção sprita.

- Batuira é o nome de um Centro Espirita

A - É, u home(m) morreu, s'ele num morre isso aqui tãva muito omentado.

- A escola não era do Estado então?

F - Não, agora qu'ê do estado, antigamente 21 anos num era do estado, a professora ganhava um mil cruzeiro(s) - quer dizê(r) um conto de rēis por mes lã tinha uma ven da sortida e de tudo, tinha de tudo, eu tomava conta da venda, ela ia buscar o mantimento pa ela comê(r), ti nha carne seca, carne verde, tinha leite, tinha bolacha, tinha de tudo.

- Leite de que?

F - Leite em lata, leite moça, tinha de tudo

- Agora onde voces compam as coisas, quem traz?

F - Agora que manda é a Ilhabela, mas quando ele(s) querem mandã(r), quando querem comê(r), come(m) tudo em Ilhabela, ali o que vem prá qui eles come(m) tudo ali.

- Mas quem mandã?

F - quem mandã é u prefeito

- É merenda escolar?

F - É merenda escolar

A - Lã na catequēse, pa mandã(r) aqui pa ilha, sabe, lã eles guardam na igreja, depois passa tempo fazem a

feira na rua pa vendê(r) aquela roupa, eu tive lá vendo aquela feira na rua tiraba(m) a roupa da igreja tudo, carregam pa vendê(r), eles vende barato, se hã de mandã(r) pos pobe(s) então eles vende lá, ali na vila eles faz(em) isso.

- Mas aqui voces não precisam de muita roupa

A - Não, não num precisa

Uma roupa aqui dura muito

- Esse menino é seu neto?

F - É meu neto

- Mora aqui com o Sr.?

F - Mora, tou criando ele da idade de 3 ano(s)

- Está criando os dois?

F - criando os dois.

- Escuta, quem morava no poço antigamente? Tinha uma avô com o netinho, ele era daqui. O Sr. se lembra quem foi, já faz muito tempo atrás

A - bastante tempo atrais, o Manê Caxia, quem morava lá

F - Zé Camilo

A - No Poço foi o finado Joaquim de Oliveira, era daqui dos Búzio(s), morava ali. Ele saiu daqui sabe, foi pro Poço prum engenho de cachaça lá, fãbrica de aguadente nê, ali no poço trabalhou muitos ano(s), depois ele morreu, ficou filho, aí o filho tabém foram indo argum morreu acabaram com o engenho e ficou, bandonaram tudo, ficou lá, inda tá lá o lugã(r) du engenho o Poço tá fechado mais é dele tem muito herdeiro lá.

- Não me lembro de casa lá, tem ruínas de uma casa

- Tem só os pilares

A - Tem os pilar era ali que era a casa do Joaquim de Oliveira, ali era o caso do engenho, de morada, trabalhava na roça, plantava muita cana.

F - É danado aquilo ali, virou a canoa lá, um morador que

tinha lá morreu tudo os dois rapaiz, rapaiz moço ainda, eu conhecia muito a ele(s).

ele vinham aqui casião de festa e tar.

A - Era da minha gente né, era..... du meu pai.

- Aqui são todos parentes?

F - Não senhora, aqui tem a gente dus Camilo quê nois, esse é da gente dus Liveira, e tem a minha patroa da gente dus Costa

A - É, o prime(i)ro que habituou essa ilha foi o abo, o a bo do meu abo, foi que habituou essa ilha aqui.

- O primeiro?

F - É chamavam a ele belho Chico, ele era Francisco. Esse porto foi ele que fez era um rancho muito grande. Trabalhava no rancho e viajava pã i pã Ilha Grande, ali tinha quatro casa(s) de telha uma prensa, prensaba doze tipiti, esse tipiti de palha né, relava aquela mandioca na roda aquela massa era prensada naquele tipiti, inda agora fazemo isso mas era doze tipiti.

- Seu avo era daqui?

A - Era

- Nasceu aqui?

A - Não naceu aqui, viveu aqui di Angra dos Reis, qu'ele veio, habituou isso aqui, chamou gente tabêm, beio vindo gente, afinã(l) qui aí ele morreu e ficaram os filho(s) foram se familhando né.

- Sr. Antonio, a sua família é Oliveira, não é?

A - É Oliveira

- São todos brasileiros?

Tudo basileiro é, não, não, nóis samo potugues, o negôço é esse sabe como é, é que o único basileiro era os indio(s) né.

- Era quem?

A - O índio, o guaraní né, então o potuguê(s) quando achou

o Basi(l) ele punharam guerra com os índio(s) o que mataram mataram, o que prenderam prenderam, então essa criação que ficou foi de Portugã(l) né, aí Portugã(l) ficou beio bindo gente pã essa ilha toda aqui, pa San_tos, po Rio de Jane(i)ro isso tudo, e então esses que ficaram pã i habituaram essa ilha. O meu abo, Pedro Teixeira, habituou aquela ilha lá, pagou arrendamento muito(s) anos(s)

- Vitória

A - É, ilha da Vitória, eu sou do Oliveira e do Teixeira né, Pedro Teixeira era daqui da Costa de Santo(s) de Una, lá que ele nasceu, de lá veio pã qui

- Quem era de Angra então

- Era o Oliveira

A - Era, o meu abo, meu bisabo, o belho Chico, o meu abo Teixeira foi de lá ta(m)bém qui veio pa cá, foi assim o meu abo habituou aquela ilha lá Vitória né, ele arrendo(u) da Pefeitura da Ilhabela, pagou muitos ano(s), depois ele morreu ficaram os filho(s) e inda tem muita gente lá

- Mas não tem tanta gente assim não, acho que umas 12 pessoas

A - Lá tem umas binte pessoa(s) né?

F - São nove família(s)

- Só, são parentes de vocês também?

F - É, são parente(s), primo

A - Aqui é de ponta a ponta, tem muita gente aqui

- Quantos moram aqui?

F - Aqui tem 490, deste tamanhinho

- Tudo isso?

A - É e tem 49 casas de família

F - E tá fazendo c(r)iançada, tá fazendo buziano, i buziano, ele(s) não para(m) não, u peixe aqui tem uma vita

mina muito forte.

- O pessoal não sai à noite, não vai pescar?

F - Vai pescã(r), à noite quandu tã bom a gente vai pescã(r), eu quasi não tenho ido, porque a rede pesca aqui no porto.

- O Sr. está com pouco serviço

F - picisa discansã(r)

A - pidi a Deus aí amanheci o dia com tudo tampado sa_{be}, não enxergaba nada aí comecei na porta a pidi(r) ai meu Deus e pedi a chorã(r) e pidi a Deus qu'eu não ficasse mais calo com a vista que me potejãsse, que não fizesse eu ficar mais cego da outra vista, então eu sei que foi indo, foi indo, labei com aquela água_zinha da erba, da arruda e fui labando, labando, e sei que melhorou ficou assim mais ainda tem um pedaço aqui que sofre

- Arruda é bom pra lavar o olho?

A - É, quando a gente machuca o olho, é só pegã(r) a arruda, macetã(r) ela e deixã(r) no sereno, coã(r) e deixã(r) no sereno nê, e labã(r) com aquela água de arruda num i(n)stante sara, num i(n)stante fica bom.

- E com esses novos buzianos, onde eles nascem, quem os ajuda?

F - Quem ajuda?

- É, nascem em casa?

F - Não, tão levando lá pra São Sebastião, é quando tá nos dēiz doze dia(s), vai pa São Sebastião, antigamente ti_{nh}a parteira muito boa era a minha abô, mas morreu

- E quando não dá tempo?

F - Vai ante(s), pra São Sebastião ou Ilhabela.

- Não tem parteira aqui na ilha?

F - Não, aqui num tem.

- Então quando nasce aqui mesmo é o vizinho que ajuda

F - É o vizinho que ajuda

L - Os meus filho(s) eu não tive no hospitar tive 9 fi-
lho(s) tive em casa

- Quantos estão vivos?

L - cinco

- Morreram pequenos?

L - Não, morreram depois de grande(s), um morreu com 16
ano(s), outro 4 ano(s)

- Foi de que?

L - Aquele negócio de bicha nê, ataque que dava

A - Eu, a minha patroa de agora, tebe uns tres que eu me(s)
mo que salvei a ela, ficou encrencada nê, bom, pra
sair não podia, agora, como eu já sabia do negócio tu-
do então eu salvei a ela.

- O Sr. Ajudou a criança

A - Salvei, salvei, como dizê(r) que o que ela ficou en-
crencada nê, então eu fiz o serviço e salvei ela, não
precisou levar a lugar nenhum.

- Qual a doença que mais mata aqui?

F - A doença que mais mata é aquele negócio de pneumonia

- Pneumonia?

F - É, pneumonia é miserável

- E malária não tem?

F - **Malária** num tem, depois é gripe que num se trata, vai
indo, vai indo, vai no pulmão

- Tuberculose dá muito?

F - É, tuberculose num dá, aqui quasi não tem isso, eu ti
rei chapa dos meus pulmão, diz tã que nem chapa de gen
te moça, de criança, oh meu Deus!

- O Sr. fuma?

F - Eu fumo

- E o que o Sr. fuma?

F - Eu fumo de rolo e cachimbo, um pito desse tamanho assim.

A - Eu também fumo sabe, eu tenho esse bício mai não é muito bom não, é qu'eu já tou acostumado desde criança né.

- O fumo é daqui mesmo?

A - É, não o fumo a gente compra, eu planto lá em casa na roça, eu cõcho o fumo.

- O que o Sr. faz?

A - Faz o fumo, a gente colhe aquela folha dele, deixa ela mu(r)chá(r) um pouco e então depois destala ela e cocha, cocha, cocha.

- Bebem muito aqui?

L - bebe

- bebe o que?

F - Pinga, binho

- Pinga e o que mais?

F - bebe pinga, cerveja, guaraná, cachaça né

- E onde vende?

F - Lá na vendinha, lá eles ganha(m) e torna(m) a ganhã(r), adepois nóis vai lá tomã(r) um vinho na vendinha lá

L - Agora tã uma careza muito grande, sabão assim sete conto(s) 2 pedaço(s) lá vai quatorze conto(s).

- Aqui não se faz sabão?

L - Não

F - O açúcar doze conto(s) o quilo, o macarrão a quatorze

- Aqui não tem cana para adoçar, não?

F - Tem

- A senhora cozinha bem?

L - Cozinho

- O que a Sra. faz de gostoso?

L - o feijão, arroz

- O feijão daqui é preto?

A - Aqui tem de toda qualidade, feijão preto, feijão branco

- Dã, feijão andante

- Andante?

L - É, feijão de corda sabe, dã umas vage(m) cumprida assim

A - Tratamo(s) feijão andante, sabe porque? A gente planta intê aqui, vai lá, lá longe, então bem andando, andando

L - Sobe assim nas árvores

- Não caruncha?

L - Não, e o otro também esse esparradinho num caruncha

- Porque será que não caruncha?

L - O feijão aqui que nois colhemo(s) este ano fica pro o (u)tro ano, nê?

A - É, e geralmente dã dois ano(s)

L - num fica ruim

- E bolo, a sra. também faz?

L - Agora não tenho feito porque o fogãozinho é pequeno, sabe

- Que bolo a sra. fazia, de fubã?

L - de fubã, de trigo

- Farinha de mandioca e feijão deste ano, tem?

L - Nois agora não temos, sabe, porque no ano passado, foi o tempo da prantação e eu tive doente, tive no hospital, o meu marido também ele ficou sozinho nê, num deu

- O que a sra. teve?

L - Tive negócio de hemorragia

- A sra. teve aborto?

- L - Não, à toa, eu acho que é porque a gente trabalha na roça sabe, se esforça muito, pega muito calor de sol aqui pãs cadeiras, e agora tem que comprã(r) em São Sebastião, agora ele viajou dia 15 de junho ele teve pra lá ele trouxe feijão.
- A sra. tem quantos anos?
- L - Eu tou com 55 já vai pra 56
- O pessoal daqui é conservado
- L - Eu tenho andado muito doente sabe, esse negócio de doença martrata as pessoa(s) nê.
- A - Eu sofro muito de re(u)matismo tem semana que fico.... não posso trabalha(r).
- L - Eu também antesonte eu fui na roça, tem um pouco de mandioca lá pra cima fui limpã(r) por qu'ela cria mato nê, e é bom a gente capinã(r) porque quando a gente perci-sã(r) num vai no mato porque assim num tem bicho, porque aqui tem muita cobra
- Muita cobra? Que cobra tem aqui?
- L - Tem aquela jararãca tem aquela amarelinha
- Venenosas?
- L - Venenosa, e eu trabalhou, quando fui de noite pegava assim pra puxã(r) o coberto que me dava fungada, ficou inchada, cre(s)ceu, e depois a minha mão que não anda boa, morre, o médico diz que é pressão
- Aqui tem muita gente mordida pela cobra?
- L - Tem
- Como é que vocês fazem então?
- L - O remédio me(s)mo daqui da casa nê, soca um pouco de alho nê, põe um pouquinho de cachaça e toma
- A - Aqui tem erva que trata(m) de guaco
- Como chama?
- A - Guaco, aquilo a gente maceta ela, põe o sumo num pouco de cachaça de pinga nê, e maceta um dente de alho

junto tudo e dá pa bebe(r), o veneno da cobra desaparece logo.

- Então não morre gente de mordida de cobra?

A - Não, não, eu curei um menino meu sabe, eu tava trabalhando lá na ponta e eu tava morando aqui no lado de cá, e a cobra mordeu no menino e foram me chamã(r) lá, quando eu vim já trouxe o mato, e erva, aí cheguei lá em casa fiz o remédio dei pro menino, aí lebou vinte dia(s) não podia andar, porque inchou isso aqui mai com o remédio melhorou.

- Essa erva é fácil de encontrar?

A - Aqui tem muita, o guáco

- Me conta um pouco da festa, Sr. Antonio, vem gente de onde pra essa festa?

A - Vem de barco.

- Pois é, mas das ilhas, ou de onde?

A - Bem da Ilhabela, aqui da Serraria

- Quem é o festeiro?

L - É o Sr. Hirdo

- O que ele faz aqui na ilha?

L - Ele tem um barzinho ali e trabalha no roça ta(m)bém.

- É rico ele?

L - Não, é mais assim nê, a mulher dele é minha tia.

- Aqui são todos parentes?

Acaba casando primo com primo?

L - Sim, casa, casa.

- E quem casa, se não tem padre?

L - Casa em Ilhabela, São Sebastião, Bairro São Francisco, registra as criança(s) in Ilhabela, São Sebastião, na(s)ceu já vai registrã(r), meus filho(s) era assim, na(s)cia questão de uns quinze dia(s) ia precisava registrar eu tenho registro de todos ele(s) até des-

ses o(u)tros que morreu tã tudo guardado.

- E músicas da igreja, a senhora lembra de alguma?

L - Não nenhuma, eu num sei le(r), sabe?

- Mas o padre ensinava não é?

L - Ensinava, já faz cinco ano(s) que num tem vindo

- Então as crianças ta(m)bém não sabem cantar nenhuma música da igreja?

L - Não, num sabe(m).

- E o catecismo, o professor dá aulas de catecismo?

L - Dã, é.

- E voce já sabe ler

L - Um pouquinho sô, o professor demora muito nê.

- Os alunos de todas as idades estão juntos?

L - Tem de manhã são os prime(i)ro(s) di tarde o segundo.

- Ele mora aqui?

L - Ele mora aqui, ele tem uma casa lã no arto, ele tã em Caraguã, ele quando sai ele tem um quarto lã alugado porque ele é de Ubatuba sabe, ele tem uma casa no Ubautuba, mas a casa dele ele deu pro o(u)tro irmão tomã(r) conta, ele arruma um quarto em Caraguã e fica lã ele num tem pai, num tem mãe tem sô dois irmão sô.

- Já afundou muito navio por aqui?

A - Navio? Não, aqui não, afundou na costa da Pirabura, tem 12 navio(s)

- Como chama o lugar?

A - É faror do boi, tem a ponta da Pirabura, tem o Saco do Boi, tem a Indaiauba, por tudo encalhou navio, encalhou um navio com o nome de Belasco, encalhou um com o nome de Atô, Tirizina, o A(i)moré e o Príncipe de Astúras, o Americano, o Frances, tudo isso encalhou lã, algum saiu, algum quebrou-se por lã.

- E as pessoas, morreram todas?

A - Não, as pessoa(s) do Príncipe de Astúras morreu quase toda(s) sô salvou-se 60 pessoas do Príncipe de Astúras, era um navio muito grande, trazia muito passageiro e esse salvou-se 60 pessoa(s) e morreu mais de 600, esses o(u)tros, bom, o Atô, Belasco esse num morreu ninguém, o navio encalhou, ele(s) saíram.

- Sr. Antonio, o Sr. tem esposa viva?

A - É.

- Como se chama?

A - Beranísia

- Ela também é da ilha?

A - É daqui, na(s)cida aqui

- Aqui tem macumba, sabe o que é isso?

A - Não, eu vejo falã(r) mas aqui não.

- Um não faz mal pro outro aqui?

A - Não, aqui não, eu vejo falã(r), aí pra São Sebastião tem gente qui sabe fazê(r) e fazem mesmo, mas eu nunca vi, e também num posso dizê(r) de que jeito é, aqui o que é um é todo(s).

- Aqui tem muita doença?

A - A doença, bom, aqui doença não tem, a veiz aquele negócio de gripe que bate assim, sô aqui sabe, aqui já houve umas doença brava, que foi no tempo que apareceu aquela malei... aquela febre brava, morreu uma porção de gente, adêpois veio médico andaram aí, tudo mundo tomou remédio e depois disso nunca mais apareceu já faz muitos ano(s) ta(m)bém, faiz uns quarenta e poucos ano(s), esse negócio de gripe sempre aparece.

- A Senhora também costura?

L - Costura, pra casa, sô a roupinha das criança(s)

- E como voce se chama?

L - Fala Rosa..... Roseli

- Ela não gosta de falar.

- A senhora não tem medo que eles caiam lá em baixo?
- L - Tenho mas p(r)icisa cuidado
- Nunca ninguém escorregou?
- L - Não, já faiz muitos ano(s) faiz uns quatorze ano(s) qui morreu uma prima minha lá du lado de lá nu mar
- Escorregou?
- L - Ela foi catã(r) aqueles marisquinho(s) das pedra(s) né, ela escorregou.
- Essa garotada sabe nadar?
- L - Esse aí sabe, essa num sabe, por inquanto num sabe quan do tou lá em São Francisco ela vai lá na praia né, eu de(i)xo qu'ela vâ quẽ bom né,prêla tre(i)nã(r) um po(u)quinho.
- É feijão guandu.
- Voces comem isso?
- L - A gente come, esse aqui é gostoso pá gente comê(r) cum carne seca eu gosto de carne seca pa comê(r) cum esse feijão depois tem o vermelhinho tem preto, a gente cu zinha tudo junto fica qui nem o feijão preto, cozinha com carne seca.
- Fica bom?
- L - Fica bom.
- A sra. tem abobrinha também
- L - Abóbrinha nova
- Essa é daquela grandona? ou é da pequena?
- L - Eu acho que essa é da piquininha, num vai cre(s)cer mais, este ano nois já colhemo(s) grandona que tinha vinte e trinta quilo(s) cada uma, meu marido levou lá pá subrinha que sempre incomenda pa fazê(r) doce. Dito, passa pu(r) lá abre a porta
- Aqui que mõi?
- L - É aqui que mõi a mandioca

- E como é que faz aqui?
- L - Aqui vira aqui, o Dito que vira ca Roseli, ela trabalha nisso.
- Ah é? E Aonde põe a mandioca?
- L - A mandioca se põe aqui, se duvidou um pouquinho ela corta a mão da gente, isso corta a mão sabe
- A farinha cai aqui.
- L - A massa cai lá imbaixo, dentro dela, adepós ajunta, tira daqui i põe naquele cesto, põe lá na prensa, e a depós a gente põe lá escorre um pouco de caldo a gente traiz ela põe aqui o(u)tro bez, maceta ela bem macetadinha, põe o(u)tra beiz no tipiti, põe lá na prensa pa tirã(r) a ũrtima água.
- Aonde a sra. tem tipiti?
- L - Aquelezinho lá, lá im casa tem os grandão.
- Isso voces mesmo fazem aqui?
- L - Esse ainda foi o meu sogro que feiz
- Ninguém tem estas cestas para vender novas?
- L - Não, num tem
- E a gaiolinha
- L - A gaiolinha foi o meu primo que feiz.
- L - É pra catã(r) passarinho nu mato.
- I lá é o forno, lá forneia
- A sra. já forneou?
- L - já forneci onte(m), qu'eu fiz a farinha, porque meu marido tã cum vontade de viajã(r).amanhã o(u) depóis nê, e eu mandu farinha pu meus filho(s) lá em São Francisco.
- Aonde acende?
- L - Acende lá fora, a farinha é boa.
- A sra. vai vender farinha prã gente?
- L - Vou, olha aqui, e depóis a gente vira, vira, e saiu o

liqui quiz'corre.

- O que escorre aí depois?

L - É aquela água, é veneno sabe, se os patinho(s) os pato miudo(s) tomã(r) essa água invenena, os porquinho(s) quando a gente cria é tudo preso.

- Mas então a senhora tem mandioca brava

L - É mandioca brava que nóis temo(s)

- Ela torrada assim não tem perigo?

L - Não, não, ela está bem iscorrida, aqui na prensa

- Tem mandioca que não é venenosa

L - É, tem uma qui chamam cumê qui chamam? É mandioca i-pim, qui chamam macaxeira.

- E porque voces não usam a outra?

L - Nóis prantamos mais dessa porque'essa rende mais

- E qual é a mais gostosa?

L - Nois achamo(s) essa nê, nois tratamo(s) mandioca branca

- Isso é feijão também?

L - É feijão guandu

- A sra. tem tudo aqui, e a sua casa está localizada num lugar lindo, não pode ficar triste, precisa ficar feliz.

L - Mas é qui tem dia que mi vejo sozinha cum essa filhinha só dentro de casa, porque pur aqui sabe eu não vou na casa de ninguém, num gosto.

- A sra. não visita os vizinhos?

L - Só lá uma menina qui tem lá qu'eu gostu muito dela, qu'ela é minha prima ela ta(m)bém me ajuda a fazê(r) custura, a fazer a roupinha dela, ela é muito boazinha, é filha do meu tio, chamada Maria Aparecida, agora quasi qui não pode costurã(r) porqu'ela tá esperando nenê, ela agora no fim desse mes ela vai pra São Sebastião pra ganhã(r) nenê, ela tem umazinha com

dois ano(s), é sô ondi eu vou, eu não gosto de andã(r) por ai.

J - Tem muita briga também aqui.

L - É

- Tem briga?

L - É brigam muito, o pessoal aqui são muito fofoqueiro, as mulhê(r) sabe, elas ve duas tres mulhê(r) conversando já vão contã(r) na casa do o(u)tra que tá falando da o(u)tra, por causa disso que eu não sai daqui - não gostu de fofoca num gostu quo meu nome teja por aí.

- Mulher fofoqueira tem o tudo lugar, né?

L - É, eu escuta..... falã(r) na rádio e falã(r) mulhê(r) fofoqueira.

- A sra. escuta no rádio?

L - O meu divertimento é aquele rádio u meu irmão me deu, então ligo lá iscutu aí novela, notícia em casa, na roça, lá no riozinho lá pa lavã(r) roupa.

L - A sra. não viu o riozinho ali né?

- Já vi da outra vez

- Tem gente aleijada na ilha

L - Num aqui num tem, só duas moça(s)

- E aquele menino que tem 6 dedos, onde mora?

L - Ele mora lá na última ponta, ele tá trabalhando lá in São Francisco, o rapazinho né.

- Mas aquelas senhoras lá também são aleijadas

L - Mas sabe qu'elas eram menina(s) boa(s), elas vinham de lá aqui na iscola.

- Ficaram de repente assim doentes?

L - Falam qua quêla mais velhas que foi de parto e a outras que foi dum tombo quêla deu, porque falam que quando dá esse tombo assim dá essa tá meningite nas pessoa(s) vai ve que ameaçou, não prestaram atenção que era isso né, depois que levaram nu médico

- Mas esse filho da sra. que parou de andar, foi assim também tão de repente?
- L - Ele ficou doente sabe, ele era bom, ele era menino forte assim qui nem esse o(u)tro, depois sempre se queixava aí mãe to(u) cum cor no joelho, e daí começou
- Ele tem quantos anos?
- L - Já está pra 25 ano(s)
- E não anda nada
- L - Ele anda um pouco, mas ele cai, sabe, ses tempo u meu filho levou a ele lá no ca(n)çombrê né, lá que tem lá e o Sr. lá, o guia, receita(u) umas pomada(s) lá i melhorou graças a Deus, uma perna dele, ele fala qui essa perna está boa.
- A sra. acredita no candomblê?
- L - Eu acredito né
- Está aonde o seu filho
- L - tá lá no bairro São Francisco lá na casa do o(u)tro irmão, em São Francisco, pra lá de Ilhabela, pra lá, tá fazendo já treis ano(s) que ele tá pra lá, levei ele pra lá porque lá ele andaba um pouco né, lugar mais ba(i)xo que não tem pedra, agora meu marido fez os papê(is), ficha pa podê(r) levá(r) ele pa internã(r)
- Escute, que árvore é esta? Não é noz?
- L - Essa aí é qui chama fruta conde, parece pinha.
- E o marido, a sra. conheceu aqui mesmo?
- L - Aqui mesmo.
- E morava aonde?
- L - Eu morava lá no o(u)tro lado lá, perto da casa do velhinho.
- A sra. conhecia-o desde pequinininha?
- L - Conhecia. Ele morava aqui, o pai dele era dono dessa casa, e faziam assim, antigamente andava a fulia né, a gora num tem mais

L - Que saía, a sra. num lembra? Saía uma pessoa ca bande(i)ra, saía o(u)tras pessoa toda.

- A senhora precisa nos contar como é que é isso.

- Quem resolveu namorar, foi ele ou a sra.

L - Prime(i)ro foi ele, ele que foi na minha casa

- E já conhecia seu pai?

L - Já, o meu pai era subrinho do pai dele.

- O seu pai era sobrinho do pai dele, e eles não tinham nada contra o namoro?

L - Não, a mãe dele gostava muito de mim, sabe, ela morreu aqui nessa casa, o pai dele morreu no hospital de São Sebastião

- A sra. precisa me contar da folia.

L - Folia é saía um homem ca bandeira com o santo, Sprito Santo, São Binidito, a sra. num ho(u)viu falã(r) im São Binidito? Santo Antonio, Santa Beronica, pois é, punhava na bandeira e saía, lá da ilha que vinham pra cá, então qua quele santo assim na bandeira, iam de casa em casa cantavam a folia.

- Que nem folia de Reis?

L - Issu que nem folia de reis, mesma coisa, então a pessoa arrecohia nas sua(s) casas e dava uma ismola po santo, agora tá fazendo muitos ano(s) que num tem vin^{do}, porque muito rapaz aqui na ilha num conhece, o meu filho esse Aro(1)do que tá cum 18 ano(s) ele num conhece, ele pergunta mãe o que era essa folia que voces fala porque ele nunca viu.

- E o japonês que viveu aqui, a sra lembra-se dele?

L - Lembro, o japones foi imhora

- Quando?

L - Foi imhora naquela veiz daquela chamaria de japones, aquele arrecolhimento, ele foi imhora, ele parece qui já faleceu né?

- E as suas crianças, nasceram aqui mesmo?
- L - É aqui mesmo, todos ele, todos nove filho(s) na(s)ceu aqui mesmo
- Nove filhos?
- L - Nove filho hõme(m) num tinha nenhuma mulhẽ(r), o deradeiro criei essa neta quẽ minha filha.

FOTOCRAFIASANEXO 7

